

PAPO DE GALO_12

26/fev/2021

CORTINA DE FUMACA?

Porque as ações do governo não podem ser interpretadas como cortina de fumaça.

FISIOLOGISMO DA SALVACÃO

A honra agredida do STF, e um Congresso com rabo preso, podem ser a saída para manter a Democracia.

SAÚDE MENTAL

Para muitos, a falácia foi desculpa para aglomerar. O resultado veio: nunca se morreu tanto na pandemia.

FLAMENGO BI-CAMPEÃO

Rubro-negro carioca ensaia instaurar nova dinastia no futebol brasileiro.

E MAIS...

Jornalismo literário de Flavia Vasconcelos, crônica de Eduardo Galduróz, artigo de Durval Lucas Jr

Prisão do deputado bolsonarista instaura uma nova onda de enfrentamento político ao rompante autoritário do governo.

PONTO DE NÃO RETORNO

PAPO DE GALO _ revista



A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. E desde a edição de número 10, a revista ganhou novo corpo. Piauí, me aguarde!

Somos **8 colunistas**, dentre jornalistas, escritores, analistas políticos, administradores, advogados, cronistas, filósofos, antropólogos. Isso sem contar os convidados especiais que marcarão presença nas pautas principais de cada exemplar. E vou mencionar *em passant* os planos de contratação de diagramador e ilustrador, para elevar mais um passo no conteúdo da revista.

Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro **“Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018”**, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Neste ano de 2020, lancei mais 2 livros novos de contos e crônicas: **“A inescapável breguice do amor”** e **“Não aperte minha mente”**. Você pode comprá-los [AQUI](#).

Estou **colunista** no programa **Futebol S/A** na Rádio Sociedade da Bahia, no **Arena Rubro-Negra**, o maior e melhor site de torcedores do Vitória, e no **Aprendizagem Jurídica**. Estive 3 anos e meio anos no **Correio da Bahia** e 1 um ano e meio no **Huffpost Brasil**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR** a revista. Assine. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar esperando sua contribuição.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço do Galo!

Faz tudo da revista: Gabriel Galo
Espero que em breve eu possa preencher este espaço com a equipe contratada para fazer a revista.
Uma publicação da Papo de Galo Comunicação e da Galo Consultoria.
Tiragem quinzenal. Revista online gratuita. Em breve, assinatura com edição física disponível. Quando? Não sei, pergunta difícil.
Enquanto isso, apoia aí, vai. Faz toda diferença.
Proibido reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa dos autores.

AOS QUE RESTAM.
CHORAM OS SEUS E
NÃO CONSEGUEM
RESPIRAR DIANTE DE
TANTO SUFOCAMENTO
PÚBLICO.

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0005

APOIA.se

São Paulo, 26 de fevereiro de 2021

REDES
SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo



gabriel@papodegalo.com.br




PAPODEGALO.COM.BR

COLUNISTAS DESSA EDIÇÃO




DURVAL LUCAS JR.
Doutor em Administração

 @durval_lucasjr

Administrador de formação, capitalista convicto, Durval é um apaixonado por tecnologia. Professor de ocupação (EPPEN-UNIFESP), diverte-se interagindo em sala de aula e buscando soluções para os problemas do mundo.



FLAVIA VASCONCELOS
Jornalista

 @flavia.vasconcelosoliveira

Baiana. Escritora de histórias de vida. Entusiasta do Jornalismo literário. Autora do livro Antônimos - Narrativas de vida e arte.




GABRIEL GALO
Administrador e escritor

   @souogalo

Baiano praticante desde 1982, Gabriel é administrador, empresário, pai e escritor, cronologicamente falando. Lançou 3 livros de contos e crônicas.



EDUARDO GALDURÓZ
Juiz de Direito e cronista.

 @eduardogalduroz

Eduardo Galduróz é um moleque abrindo Stanislaw. Subtrai, para si e para outrem, crônicas alheias móveis.

ATENÇÃO!

O COMPLEMENTO VAI SE TORNAR PERMANENTE: VEM AÍ NOVA ENTREVISTA. E UMA ANÁLISE SOBRE O 'PRESTIGIADO' PAULO GUEDES. AGUARDE E CONFIE.

ASSINE JÁ!

>> [APOIA.SE/PAPODEGALO](https://apoia.se/papodegalo) <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E a gente precisa de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 10 reais por mês, só 2 cafezinhos? Bora?

ÍNDICE

EDITORIAL

- 7** **MAIS DO QUE SE PODE ACOMPANHAR**
(por Gabriel Galo)

PRISÃO DE DANIEL S.

- 12** **QUEM AINDA ACREDITA EM CORTINA DE FUMAÇA?**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 18** **UMA BLITZKRIEG DE RETROCESSOS**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 22** **PARTIDO NOVO, PILAR DO BOLSONARISMO**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 26** **COM QUANTAS AMEAÇAS SE DESFAZ UMA DEMOCRACIA?**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 29** **O DANIEL SILVEIRA EM CADA UM DE NÓS**
(Artigo por Durval Lucas Jr.)

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

- 32** **RESPEITO À LIBERDADE DE EXPRESSÃO NÃO É RESPEITO À EXPRESSÃO**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 36** **SUPER FORO PRIVILEGIADO E A SUBVERSÃO DA DEMOCRACIA**
(Artigo por Gabriel Galo)

A FALÁCIA DA SAÚDE MENTAL

- 40** **A IRRESPONSABILIDADE SÓ PRECISA DE DESCULPAS**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 42** **O FAZ-DE-CONTA DA CONTENÇÃO**
(Artigo por Gabriel Galo)

JORNALISMO LITERÁRIO

- 45** **JUNTOS DE NOVO – JORNAL MOVIMENTO**
(Jornalismo literário por Flavia Vasconcelos)

FUTEBOL

- 53** **DINASTIA RUBRO-NEGRA?**
(Artigo por Gabriel Galo)

- 56** **QUE TÍTULOS, SENHORES. QUE TÍTULO!**
(Crônica por Eduardo Galduróz – Aquele Galduróz)

7

POR GABRIEL GALO



MAIS DO QUE
SE PODE
ACOMPANHAR

NINGUÉM AGUENTA MAIS. MAS NÃO HÁ OPCÃO.

Comigo não é diferente. Acompanhar o noticiário no Brasil de Bolsonaro é tarefa praticamente impossível de não deixar sequelas.

Somos diariamente bombardeados por uma ofensiva incansável de retrocessos. Nunca se morreu tanto na pandemia quanto agora. Políticos se aliam para montar estrutura de barreira de proteção a investigações, com o falso pretexto de preservação da liberdade de expressão, mas, no fundo, é apenas o incentivo escancarado à criminalidade.

Quando uma lei ou conjunto de regras beneficiam a impunidade, tem-se, pois, a inversão de por que existe um regramento geral, acordo tácito da sociedade, que convive a partir de certos princípios universais. A moral haveria de ditar as leis, segundo a evolução legislativa, mas quem as formulam e assinam carregam nos ombros a necessidade de porem-se à frente interesses pessoais – que não raramente conflitam com o bem querer da *res publica* – e precisam de instrumentos que viabilizem a absolvição para depois se alinhar este item menor que é o serviço público, do povo, pelo povo e para o povo.

Assim Milton Santos definiu a tal cidadania brasileira em seu ensaio “**As Cidadanias Mutiladas**”, publicado no livro “[O preconceito](#)” (Imesp, 1997):

“Me pergunto se a classe média é formada de cidadãos. No Brasil não o é, porque não é preocupada com direitos, mas com privilégios.”

Na mosca.

Quando ecoaram as manifestações de 2013, que depois foram potencializadas pela Lava-Jato e pelo desbaratino da Copa do Mundo (você já parou para pensar que talvez o Brasil ter sido campeão – ou pelo menos não ter passado tanto vexame – acalmaria os ânimos de uma nação envergonhada?), debatia fortemente com meu pai sobre as causas.

Para ele, o desenvolvimento econômico que não trazia melhoria nos serviços públicos era o mote. Logo, fiava-se ele num anseio do povo – ou a parte vocal dele – para que a população em geral tivesse acesso a melhores condições públicas. Tinha, pois, um quê altruísta na visão de meu pai. Se por um lado, o indivíduo queria usufruir melhor das benesses da máquina pública, por outro, ir à luta significava a expansão deste querer a toda uma gente.

Só que esta abordagem nunca me descia.

Porque vinham junto mensagens conflitantes que eram impossíveis de serem ignoradas. Primeiro historicamente. Reabro aspas a Milton Santos:

"A desnaturação da democracia amplia a prerrogativa da classe média, ao preço de impedir a difusão de direitos fundamentais para a totalidade da população. E o fato de que a classe média goze de privilégios, não de direitos, que impede aos outros brasileiros ter direitos. E é por isso que no Brasil quase não há cidadãos. Há os que não querem ser cidadãos, que são as classes médias, e há os que não podem ser cidadãos, que são todos os demais."

Milton Santos baseia esta visão nas raízes da formulação da sociedade brasileira. Continua ele:

“O modelo cívico brasileiro é herdado da escravidão, tanto o modelo cívico cultural como o modelo cívico político. A escravidão marcou o território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais deste país.

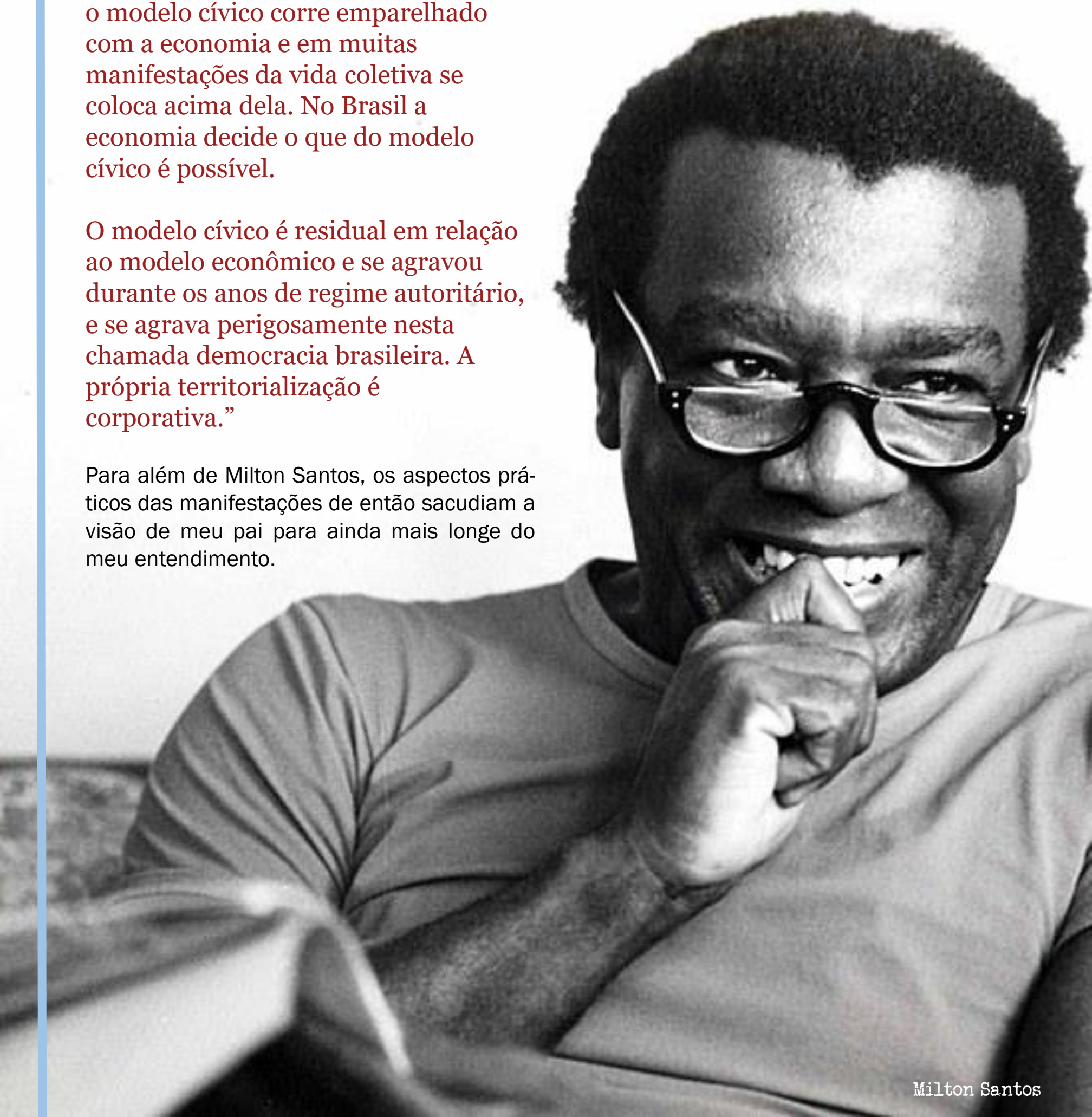
Mas é também um modelo cívico subordinado à economia, uma das desgraças deste país. Há países em que o modelo cívico corre emparelhado com a economia e em muitas manifestações da vida coletiva se coloca acima dela. No Brasil a economia decide o que do modelo cívico é possível.

O modelo cívico é residual em relação ao modelo econômico e se agravou durante os anos de regime autoritário, e se agrava perigosamente nesta chamada democracia brasileira. A própria territorialização é corporativa.”

Para além de Milton Santos, os aspectos práticos das manifestações de então sacudiam a visão de meu pai para ainda mais longe do meu entendimento.

Nas ruas, não estava o povo que era, pois, mais impactado pela falta de qualidade e capilaridade do serviço público. Estavam aqueles que com carros e planos de saúde, que pediam MENOS governo, afinal, levavam consigo a certeza ignorante de que “financiavam” a derrocada do serviço público, “sustentando” vagabundos com o dinheiro “deles”.

A veia maior era a do ressentimento.



Milton Santos

Se entendermos, portanto, a visão de Milton Santos como válida, como esperar que os políticos, eleitos por este mesmo povo – agora adicionados aqueles que não têm a prerrogativa de protestar, pois aprenderam desde cedo a saber o seu lugar e a manter-se calados para levantar animosidades – seriam diferentes deles mesmos?

Não são os políticos, ora, frutos dos votos e de uma gente?

É como afirmou o historiador **Leandro Karnal**:

“Não existe país no mundo em que o governo seja corrupto e a população honesta e vice-versa.”

Construindo em cima da frase de Karnal, não existe país no mundo em que o governo esteja interessado no bem público, quando sua população apenas aguarda a próxima mamata para chamar de sua. “Primeiro eu; o resto se vê depois.”

Assim, pipocam notícias que tratam de in-creditáveis ideias e projetos, numa sequência de golpes que deixa todos atônitos, e na impossibilidade de que se barre tudo, coisa ou outra vaza, saindo da obscuridade do absurdo e adentrando ao universo das coisas em conformidade com a lei.

No fim de um jeito torto, é a moral que dita as leis, mas em um ambiente que beneficia e protege os malfeitos, em vez de se fortalecer o publicamente correto, prega-se a baba raivosa cheia de soluções fáceis e que invariavelmente dão em crise, prejudicando o país como um todo, sem distinção. Claro, alguns sofrem mais. Porém se o raciocínio até aqui se mantém, contanto que o sofredor não seja “eu”, tudo certo. É o pior lado da moral que prevalece.

No processo de embrutecimento político, traram radicais pró-Ditadura como anedota, a esquerda como vilã inequívoca, a Lava-Jato como ofensiva autoevidente contra a corrup-



Leandro Karnal

ção, com apoio da grande mídia e dinheiro farto que jorrava em esquemas internacionais – tema finalmente apreciado pelo STF – e pelos cofres extremistas da Fiesp, encabeça pelo maior fiador do aborto Aliança pelo Brasil em São Paulo, Paulo Skaf, os tais saíram de verde e amarelo para conjecturar ridículos em frente ao pato da Fiesp.

Os radicais cresceram, alimentados pelos recursos e autoalimentados pelo ódio que propagavam. Contra todas as evidências e avisos, ainda assim se apostou alto no capitão. E o resultado estamos todos assistindo diariamente, num show de horrores sem precedentes.

E todo é notícia nova que só eleva o escárnio. Estamos presos num longo dia da marmota, em que se acorda com ataques às instituições, almoça-se uma pandemia intermináveis e leis (i)morais, e vamos dormir com a dúvida de golpe.

É coisa demais. Muito mais do que se pode acompanhar. Muito mais do que é salutar seque saber que acontece.

Mais fácil é fechar os olhos para a realidade e tocar em frente, na medida do possível. “Faço o meu, e é o que posso.”

Terminasse aí o imbróglio, na esfera individual, talvez estivéssemos experimentando vislumbrar uma saída. Mas não. Somos uma sociedade de privilégio. E de olhos bem fechados, não apenas nos dispomos a não enxergar a realidade, como nos fechamos à racionalidade de ideias, nos agarrando à opinião pessoal sobre a ciência.

E diante da complexidade do mundo e das conexões, tudo se reduz ao que eu acho e pronto, sem sequer assimilar o impacto coletivo. Quando alguém se recusa a sair sem máscaras, a se manter em casa, a defender a vacina e mantém o pé em kit milagrosos que não passam de pura charlatanice – impulsionada por gente que tem pulsão de morte – vê-se, pois, que o governo é exatamente o espelho de um povo.

Mesmo assim, muitos olham para o governo e seus asseclas e se recusam a enxergar a ignorância incompetente como vetor do retrocesso, e preferem atribuir grandes estratégias e projetos. Não é, pois, análise em evidência, mas análise em não aceitar o Brasil pelo que ele é. Desligam-se estes, também, por não aguentar ver o que está diante de seus olhos. Eu entendo. Estamos todos cansados.

Não há alternativa, entretanto. A batalha, encarando a realidade, por vezes deixando-a de lado preventivamente para manutenção de uma sanidade mental efetiva – não a fingida de quem sai como se nada estivesse acontecendo. Há de se reaprumar e tornar ao frente.

Porque não serão eles a descansarem. Pelo contrário. Com o poder na mão, tudo fica mais fácil. Quem abandona o flanco, facilita o avanço pelo fim da Democracia. Assumamos o inimigo de vez, como ele é.



12

POR GABRIEL GALO

**QUEM AINDA
ACREDITA EM
CORTINA DE
FUMAÇA?**

No fim de 2019 eu passava férias na Bahia. Estava perambulando pelos cenários exuberantes da Chapada Diamantina quando recebi um convite de meu amigo **Licínio Cardenas** para eu fosse o entrevistado de seu podcast “**O Brasil não é para amadores**”. Na pauta, no crepúsculo do primeiro ano da (indi) gestão Bolsonaro, Licínio propunha um debate sobre como o governo se utilizava de cortinas de fumaça para seguir adiante com suas intenções – impossível dizer que seguia com seus planos, pois ausentes por completo da operação deste governo.

Assumi a posição que mantenho até hoje sobre o desenrolar de ações do governo: não há qualquer cortina de fumaça. E muito me espanta que ainda haja gente, inclusive gente conhecedora com profundidade de como opera o bolsonarismo, que recaia neste erro de avaliação.

Mas antes de entrar nos detalhes que fundamentam meu entendimento, vamos observar o caso da prisão do deputado federal bolsonarista Daniel S. Estão presentes neste episódio exatamente os quesitos que levam a não entender que haja cortina de fumaça, mas, sim, um bando de desgovernados, que age com segurança de sua impunidade.

A SEQUÊNCIA CRONOLÓGICA

No fim da segunda semana de fevereiro, noticiou-se o lançamento de um livro-entrevista do **General Villas Boas**, ex-Comandante Geral das Forças Armadas entre 2015 e 2019. Nele, Villas Boas admite que um polêmico tuíte de abril de 2018, um dia antes do julgamento do *habeas corpus* de Lula no STF, era uma ameaça velada de intervenção militar no Brasil.

O caso gerou revolta 3 anos atrasada. No dia 15 de fevereiro, o ministro do STF **Edson Fachin** divulgou nota repudiando a confissão de ameaça golpista.

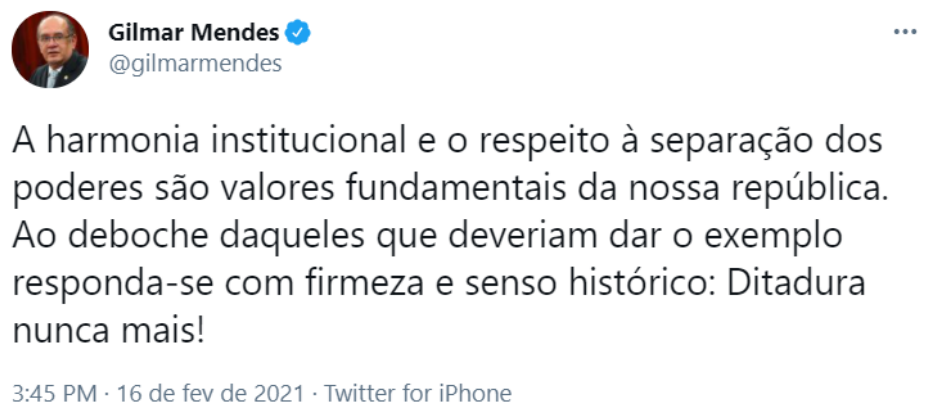
E como resposta a um tweet de Antonio Lorenzo, Villas Boas voltou a se manifestar sobre o assunto, em tom sarcástico:





“Três anos depois”.

O ministro do STF Gilmar Mendes reagiu, também pelo Twitter:



Foi em meio a esta turbulência que o vídeo do em breve ex-deputado Daniel S (então PSL-RJ, agora filiado ao PTB, com a bênção e visita de **Roberto Jefferson**) foi ao ar.

Cheio de termos chulos e ânimos exaltados, Daniel navega por precauções para não incorrer no erro de uma agressão direta a Fachin, Mendes, os 2 ministros envolvidos no bate-boca público com 3 anos de atraso, e Alexandre de Moraes, alvo preferencial da horda bolsonarista. Mas ele escorrega ao dizer sonhar com violência, ao desejar ver os ministros do STF presos e agredidos.

Fez-se impossível não associar esta fala do experiente presidiário deputado ao caso dos EUA em 6 de janeiro, quando o chamado de ex-presidente americano Donald Trump à insurreição quase resultou num golpe de Estado. E o STF, por Alexandre de Moraes, resolveu agir.

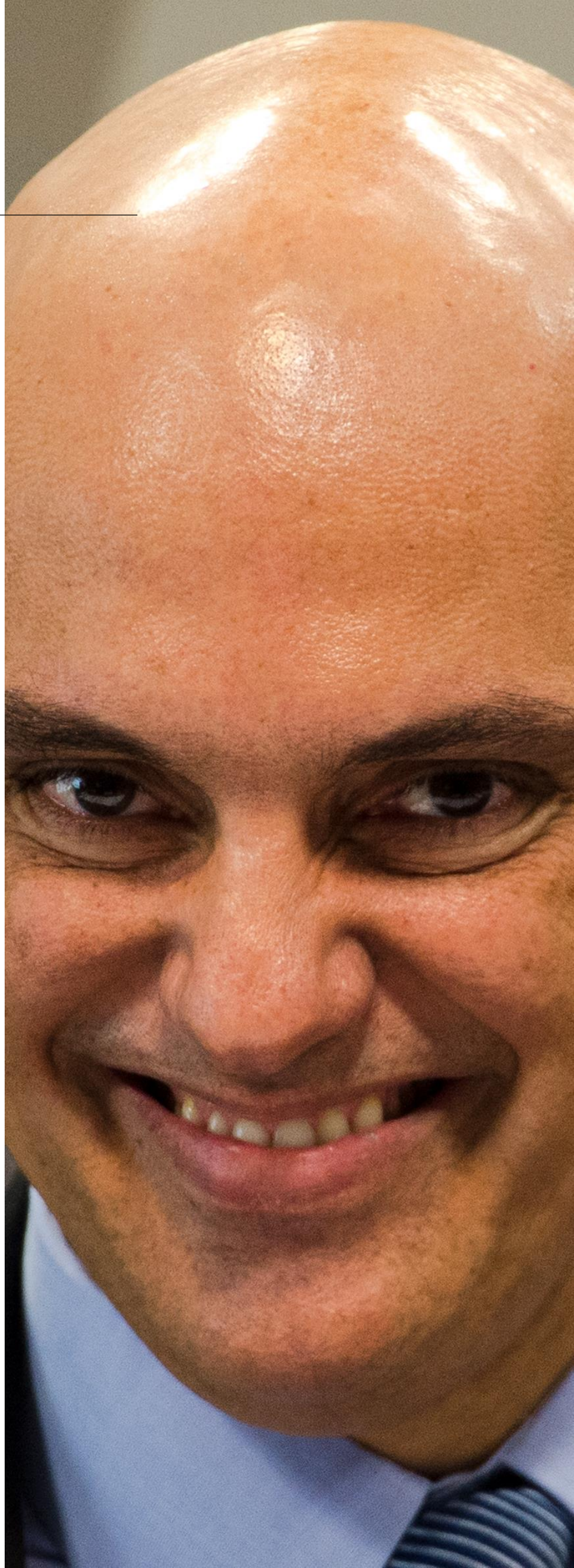
No mesmo dia foi emitida a ordem de prisão contra Daniel S., apreendido em sua residência em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro. Fez, claro, o seu espetáculo. Certamente contava com imunidade parlamentar para se proteger das agressões e ameaças proferidas. Porque usou-se no Brasil de agora confundir ameaça com opinião.

No dia seguinte, a decisão monocrática de Moraes foi referendada por todos os 11 ministros do STF. O presidente da Câmara foi instruído a avaliar em votação se a prisão deveria permanecer ou não.

Mas Daniel S. já estava condenado. Primeiro pela opinião pública; segundo, pela própria Câmara, pois é figura estranha à ordem da casa; e terceiro, porque o placar de 11 a 0 no STF não deixava brecha interpretativa possível para que a Câmara – que desativou o Conselho de Ética durante a pandemia, deixando gente como Flordelis trabalhar com tornozeleira eletrônica e Aécio Neves circular livre, leve e solto pelos corredores como político de carreira que é – arregimentasse reação.

Acima de tudo, especialmente, o Congresso entendeu, especialmente o presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL), que bater de frente com a mais alta corte do país não seria aconselhável quando se tem tantos iguais como réus. Não convém confrontar quem um dia haverá de lhe julgar. Entregou, então, Daniel S. em sacrifício, confirmando a prisão com votação expressiva.

O STF percebeu a necessidade de se jogar o jogo jurídico contornando as bordas da Constituição, porque a Democracia está sendo minada por dentro, com bandidos usando de seus instrumentos de proteção para derrubá-la. A história recente não favorece essa postura.





Foi com a distorção das leis, munida de um poderoso senso de justiça – tão poderoso que fez da convicção elemento processual mais relevante que a prova – que a Lava-Jato descarilhou e foi exterminada por interesses políticos, exposição de escândalos jurídicos, e uma narrativa torta do governo de que a corrupção chegou ao fim. Afinal, não há corrupção se não houver investigação, especialmente aquelas que visam familiares diretos. O filé mignon que se quer dar a um filho vai de Embaixada até o aparelhamento das polícias. Um santo pai.

CORTINA DE FUMAÇA PRA QUÊ?

Mas disseminou-se a avaliação de que todo este bafafá era nada mais que cortina de fumaça. Que o governo planejava tal insurreição verborrágica – com o argumento de que sempre há algum fanático disposto a ser mártir pela causa – para proteger sabe-se lá o quê, talvez o fato de que a vacinação tivesse sido interrompida por falta de vacinas.

Ora, ora, ora. Tratem as coisas como elas são. Vamos analisar a conjuntura, traçar possibilidades e pergunta, ao fim, o que é mais provável.

Por que o governo estaria interessado em esconder o fato de que faltam vacinas, quando este mesmo governo atua abertamente contra a vacinação e as medidas de segurança? Que lógica há nisso? Não é correto, penso, que se prepare ação para evitar que descubram a calamidade, quando, na verdade, o governo exhibe orgulhoso o efeito do caos que provoca.

Adicionalmente, o governo mostra reiteradamente não ter qualquer preparo ou planejamento para virtualmente nenhum item sob seu controle. Estaria, pois, o governo inaugurando o planejamento de ações justamente com uma cortina de fumaça para esconder o que mostra abertamente?

Francamente, me parece absolutamente improvável. Principalmente quando se analisa a alternativa.

A ordem cronológica indica uma escala crescente de animosidade. No que um troll como Daniel S. se sentiu tentado demais a expor sua veia mais truculenta – como sempre o fez.

Agiu por conta própria, um idiota com iniciativa, sem controle nem avaliação de consequências, crendo piamente que foro privilegiado e o fisiologismo da Câmara o protegeriam.

Mas o tiro saiu pela culatra.

Sob esta perspectiva, o que parece mais provável? Que o caso tenha sido obra de uma inconsequência de um ser violento e de capacidade cognitiva limítrofe, ou que tudo seja um sofisticado plano, estratégia intrincada, mártir apontado e tudo!, de um governo que não se prepara para absolutamente nada?

Parece-me claro o desfecho.

No fim, atribuir **cortina de fumaça** ajuda a, de uma certa forma, levar racionalidade às ações erráticas do governo. Ao fazer isso, indica-se que, na verdade, o governo tem um propósito, ainda desconhecido, mas tem.

Só que ali há um vazio de ideias, que são regurgitadas na opinião pública diariamente. O governo opera às claras, exhibe toda a sua pulsão de morte. Só que a atrocidade daquilo a que ele se propõe faz a pessoa ‘normal’ não acreditar no que lê, ouve e assiste. “Não pode ser. Isso não pode ser verdade. Estão brincando, é da boca pra fora. Tem que ter algo escondido. Não é possível.” Só que, ora, é perfeitamente possível.

O jogo está escancarado. Demorou, mas o STF percebeu que não tem acordo nem veja bem. Que não se está lidando com gente que opera na racionalidade.

Ignorar os incentivos que movem essas pessoas e elevá-las a um nível de sofisticação que não têm só as beneficiam. Assim, operam à vista de todos, mas saem sem arranhões, porque “não pode ser”. É maldade descoberta e, por isso, invisível.



18

POR GABRIEL GALO

Muitas das propostas do novo governo são polêmicas e baseadas em falsas premissas. Para fazê-las caminhar, abusará da blitzkrieg, tática de ataque-relâmpago que não oferece tempo de preparação de defesa. E pode vencer pelo cansaço.

UMA BLITZKRIEG DE RETROCESSOS

◆ ESCRITO EM 4/JANEIRO/2019 ◆

A A fala da Ministra Damare Alves no dia de sua posse que viralizou ontem, 03 de janeiro, assusta a boa parte do país.

Disse ela:

“Atenção, atenção. É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa!”

Depois, pula em comemoração com os seus. A cena dantesca tem até participação de uma bandeira de Israel. (Ué? Não Brasil acima de tudo?)

O desconforto causado pelas palavras padronizadoras atende ao apelo geral de que existe um jeito certo de se viver a vida. E que é tarefa dela expandir – no sentido de forçar, obrigar, empurrar – este conceito a todos, amalhando novos fiéis. Some-se a isso as confusões mentais pautadas pelo desconhecimento, como não saber diferenciar Enem e Sisu, e confundir Comissão

da Verdade (extinta em 2014) com Comissão de Anistia, agora sob sua responsabilidade.

Acontece que Damare é apenas um item da coleção de absurdos que vão pautar o governo Bolsonaro daqui pra frente. E a tática se assemelha à da blitzkrieg, que se define assim:

“guerra-relâmpago, uma tática militar em nível operacional que consiste em utilizar forças móveis em ataques rápidos e de surpresa, com o intuito de evitar que as forças inimigas tenham tempo de organizar a defesa.”

É justamente aí que há a chance de que vinguem as ideias estapafúrdias de uma administração que busca repetir o que deu errado na esperança de que dê certo.

(O que fortalece a ideia de que só resta torcer, pensar positivo).





Vai que o cavalo fala...

Certo homem foi condenado à morte por um rei. No dia de sua morte, como últimas palavras, afirmou ao rei ser encantador de cavalos, que podia fazê-los falar, se ele pudesse treiná-los por 3 anos. O rei, apaixonado por cavalos, pagou para ver.

Na volta, um companheiro de cela, ao ouvir a história, retruca, “mas fazer cavalo falar é impossível!” E o homem responde, “Isso eu sei. Mas vou viver mais 3 anos. E no final, vai que o cavalo fala...”

APRENDENDO COM TEMER

Quando puxou o tapete da inapta [Dilma Rousseff](#), Michel Temer inaugurou um período de “vai que”, que lembra a fábula do homem que poderia fazer um cavalo aprender a falar. Eventualmente soltava arremedos de projetos e de intenções, testando os quereres e reações de mercado e da opinião pública. Se colasse, valia. Se não, abandonava como se nada tivesse acontecido.

Bolsonaro entendeu que esta tática não funcionaria. Munido de seu conhecimento militar, o que se propõe agora é um bombardeio relâmpago, que não se sabe de onde vem. E alguma coisa acaba passando – no fim, talvez até tudo.

De um lado, Damares distribui impropérios.

[Madeireiros invadem](#) terras indígenas, respaldados pela convicção da não punição por conta do arremedo que se pretende fazer da questão. Bolsonaro anuncia [aumento do IOF](#), contrariando todo seu cabedal de propostas. Em dada hora, discute-se até a [extinção da Justiça do Trabalho](#).

Fala-se do aumento do salário mínimo por estar abaixo do orçamento, mas esquecem da lei que atualiza de acordo com a inflação e que o primeiro valor era, por óbvio, meramente orçamentário que seria ajustado no fechamento das contas de aumento de preços.

Tudo junto, misturado, ao mesmo tempo, numa overdose de desmantelo. Não há tempo de se organizar. Não se sabe de onde virão os absurdos, só se sabe que virão. Então, como combater? Como apelar para algo tão fragmentado e ao mesmo tempo tão sincronizado?

O QUE SE QUER

O objetivo é superestimular a opinião pública até que não seja capaz de assimilar mais nada. A confusão pela *blitzkrieg* vence pelo cansaço. E abandona-se o fronte de batalha pela absoluta estafa.

Assim, agora na base do *blitzkrieg* político-ideológico, ajusta os ponteiros o novo governo. Não que não seja algo esperado. Tanto pelo contrário. Todas as ações foram amplamente debatidas, discutidas, exibidas, mostradas, detalhadas em campanha. Não surpreende absolutamente ninguém.

A QUESTÃO É NÃO ESMORECER

Durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial havia um sentimento de que a Alemanha Nazista dominaria o mundo por seu vasto poderio e suas táticas avançadas de guerra. Até que tentou morder um bicho maior do que poderia digerir e pagou pela sua ambição exagerada.

O que nos remete a este 2019 no Brasil. No ponto zero da luta pela manutenção da democracia e pelo progresso civilizatório, a *blitzkrieg* parece imbatível. Será apenas se nos rendermos a uma tática tão vil quanto avassaladora.

É necessário reagrupamento e discernimento na seleção das batalhas que serão lutadas. Muitos dos itens, por mais absurdos que sejam, deveriam merecer menos destaque, como, por incrível que pareça a fala de Damares. Sabe por quê? Porque o que ela falou é, tão somente, baboseira de uma gente que está claramente deslumbrada pelo poder. Não há fato ali inserido que altere o regimento legal ou executivo. Mas haverá.

Devemos virar o olhar para o que realmente importa. É fundamental que se priorize a pauta, que não nos percamos nas miudezas em detrimento do que é relevante. Caso contrário, a reação será exatamente a planejada pelos arquitetos da *blitzkrieg* e vamos ter falado muito, mas evitado nada.

Aos poucos, pequenas vitórias vêm. Mas é inevitável que o governo segue pautando o debate. Com a redução de probabilidade de intervenção militar, a *blitzkrieg* da necropolítica tornou-se tática única.



22

POR GABRIEL GALO

A man with light brown, wavy hair, wearing a dark grey suit jacket, a light blue shirt, and a blue patterned tie, is shown from the chest up. He is looking slightly to his right and appears to be speaking or gesturing with his hands. The background is dark and out of focus.

PARTIDO NOVO, PILAR DO BOLSONARISMO

Quando surgiu o [Novo](#), escrevi um artigo afirmando que aquilo ali não tinha absolutamente nada de novo na política. Fui atacado pelos Novominions, que tinham, como todo imbecil, a certeza irrevogável de sua bondade infinita, de ser porta-voz da causa inquestionável, e, por isso, de ser a solução para os problemas do mundo.

Mas o Novo, ora, sempre teve o fedor das elites, o namastê do burguês-odara. Acreditar nessa artimanha, para mim ridícula, mas tenho de dar o braço a torcer que a tática dá certo para atrair muita gente que precisa de uma causa.

Logo, a ""nova"" política se tornou linha de frente do Bolsonarismo. Mais que o próprio PSL, que os partidos religiosos. O que fez começar a bugar a cabeça dessa gente.

Mas eles, ali, firmes.

“A única pauta do Congresso é econômica, por isso o Novo vota tanto a favor do governo”, me disse uma pessoa com a qual tenho o alívio de nunca mais interagir.

Bem, pandemia veio, e é absolutamente impossível aceitar a gestão deste desgoverno e de um governante com pulsão de morte à frente do país. Quem se dizia limpinho, "votou em **João Amoedo**". Outros perderam a vergonha, como um conhecido que, lobista de empresas de saúde, está feliz da vida com os bônus polpu-dos, enriquecendo na morte do povo.

Pessoas morrem às centenas de milhares, vacinas não existem por culpa única do governo federal, nova licitação pra repor a cloroquina vencida, Petrobras depenada (quantos "escândalos de Pasadena" cabem apenas no que Bolsonaro fez com a estatal só ontem?), milicos se espalham como vermes nas entranhas do poder, inflação dispara, desemprego - e muita gente se escondendo no "e o PT? Nele eu não voto nunca mais" pra não admitir o tamanho da estupidez cometida. Uma coisa é reconhecer responsabilidade de





coisinha menor, sem prejuízo; outra totalmente diferente é encarar a vergonha extrema de se alinhar ao indefensável e se manter ali, porque se este grupo desumano for reconhecido por todos como o esgoto da civilidade, logo, quem está com ele também o será. Já o é, na verdade. Mas, lembremos, o bolsonarista é antes de tudo um covarde. Tigrão na tela do computador ou celular, mas txutxuca quando o caldo entorna.

Foi nesse ambiente que Daniel S., o anabolizado deputado, preso múltiplas vezes, mas, né? "cidadão de bem" elevou ainda mais o tom. Abandonou a ameaça velada de golpe, como fizera Villas-Boas em 2018, e foi pra incitação pura de golpe e violência, incluindo ameaça de morte. Como bom bolsonarista, o fez por vídeo - lembremos, acima de tudo, um covarde.

Alexandre de Moraes ordenou sua prisão. STF a manteve.

Na cadeia, que mais parece seu quintal -- convenhamos, quem foi preso o tempo que foi mesmo como policial militar está bem acostumado com a vida no cárcere; não deixa de ser um sinal de como ele se sente à vontade detrás das grades -- se protege em outros policiais, dentro de uma corporação desmoronada pela corrupção e pelo alinhamento ideológico ao bolsonarismo golpista -- Daniel é interlocutor político que traz as polícias, quaisquer que sejam, para ser o braço capilarizado de um golpe que está em curso. Acena no portão para apoiadores, tem 2 celulares na cela, "vou mostrar o que é o STF". Tigrão. Mas na audiência de custódia, txutxuca, pede desculpas, diz que exagerou.

Antes de tudo, um covarde.

O Congresso manteve a prisão de Silveira, que deve ser cassado na sequência e lidar em definitivo com sucessivas acusações e condenações. "Bandido bom é bandido morto", dizem a horda de cidadãos de bem (sic), mas não o querem morto, claro, porque não é todo

bandido que querem morto, só aqueles que têm origem bem conhecida – essa mesma que um ente nefasto como **Ratinho** defende ser exterminado. São os outros devem ser exterminados. De preferência, outros que sejam pretos, pobres, "sujos". A tal da limpeza é profundamente racista, e vai aprofundando a semiótica da imundície.

Pois entre os raros votos na Câmara para libertar o bandido carioca de extensa ficha corrida, quem saiu em peso para tentar livrá-lo? Ele mesmo: o PARTIDO NOVO. Única bancada a ter todos os seus deputados votando a favor do milicano.

O argumento agora é "liberdade de expressão". Não vou entrar no mérito da questão jurídica – tem gente muito importante que afirma categoricamente tanto contra quanto a favor –, mas, ei, 11 a 0 na mais alta corte do país é coisa demais. Nem um mísero voto contrário à ordem de Moraes. Ninguém.

E assim, o Novo vai inventando mentiras para justificar um apoio incondicional ao bolsonarismo. Antes era a pauta econômica. Neste momento, é a liberdade de expressão. Depois, será qualquer coisa.

Mas seguirão eles ali, firmes. Abraçando o bolsonarismo sem jamais soltar. Porque para quem veio acumulando toda sorte de privilégios, limpeza étnica é desejo incontido.

Novo? Sai pra lá que eu sei bem o que é isso.

E até desses aí eu duvido terem votado no Amoedo.

APOIA.se



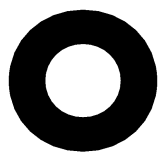
26

POR GABRIEL GALO

A corrosão da democracia ocorre por dentro, abusando da fragilidade das incipientes e descreditadas instituições de contrapeso ao autoritarismo.

COM QUANTAS AMEAÇAS SE DESFAZ UMA DEMOCRACIA?

◆ ESCRITO EM 6/MAIO/2020 ◆



[sistema tripartite](#) de [Montesquieu](#) foi desenvolvido com um princípio claro: evitar arroubos autoritários de uma das partes. A evolução da imprensa e das tecnologias de comunicação transformaram o conjunto de meios de informação num quarto poder de caráter não oficial. Sobre todos, o Exército, protetor da pátria, que divide com as polícias o monopólio da força.

A separação de poderes implica obrigatoriamente em se buscar negociação para que os poderes, independentes entre si, interajam harmonicamente. Só que, para Bolsonaro e seu governo, [harmonia](#) é sinônimo de problemas.

Harmonia restabelece o [raciocínio](#) e a prudência no debate público, enquanto seus porquês estão ancorados na areia movediça das distorções conspiratório-paranoicas. Tal qual Chacrinha, Bolsonaro não veio para explicar, mas para confundir.

Há certeza: quando se viram as armas para invariavelmente todas as esferas de contrapeso, numa narrativa de vitimização de quem age contra tudo e contra todos, o que se busca é a dilapidação da incipiente democracia brasileira, tão recente quanto frágil.

Desmantelar instituições é um dos três pilares do autoritarismo populista. Ele se junta à demonstração constante de força e à fabricação de inimigos. A força, no caso brasileiro, é provida pelas Forças Armadas e pela recorrente exaltação a um apoio popular cada vez menor, mas crescentemente mais violento. Já a [fabricação de inimigos](#) serve para impor medo e esvaizar o diálogo, retornando ao elementar “e o PT?” e “comunismo” como argumento definitivo para validar a autoevidente urgência do líder supremo.

O paulatino ataque à democracia tem razão de ser. O imaginário de um levante autoritário remete a tanque na rua, não a uma construção que derruba, um a um, quem se opõe à clareza de que o rei está nu. Somos, pois, nação que segue a vida de rompante, de supetão e aos tropeções.

O achaque às instituições e o preenchimento de cargos públicos pelos de farda são como cupim em edificação precária. Do lado de fora, entretanto, sem a imagem definitiva de golpe à força, cumpre o povo a labuta ideal, negando as aparências e disfarçando as evidências.

Enquanto isso, entre e-daís e cala-a-bocas, notas de repúdio vão se acumulando e, a cada nova não ação, são não mais do que convites para que o autoritarismo se locuplete da incipiência das tais instituições, que nem tempo tiveram para maturar.

Notas de repúdio diante das constantes e crescentes ameaças de um governo que tem a democracia como inimiga de suas vontades, serão os capítulos introdutórios da carta de rendição ao populismo despótico de um líder mítico que se alimenta da mentira para esconder a verdade de suas intenções.

Em que momento será tarde demais?

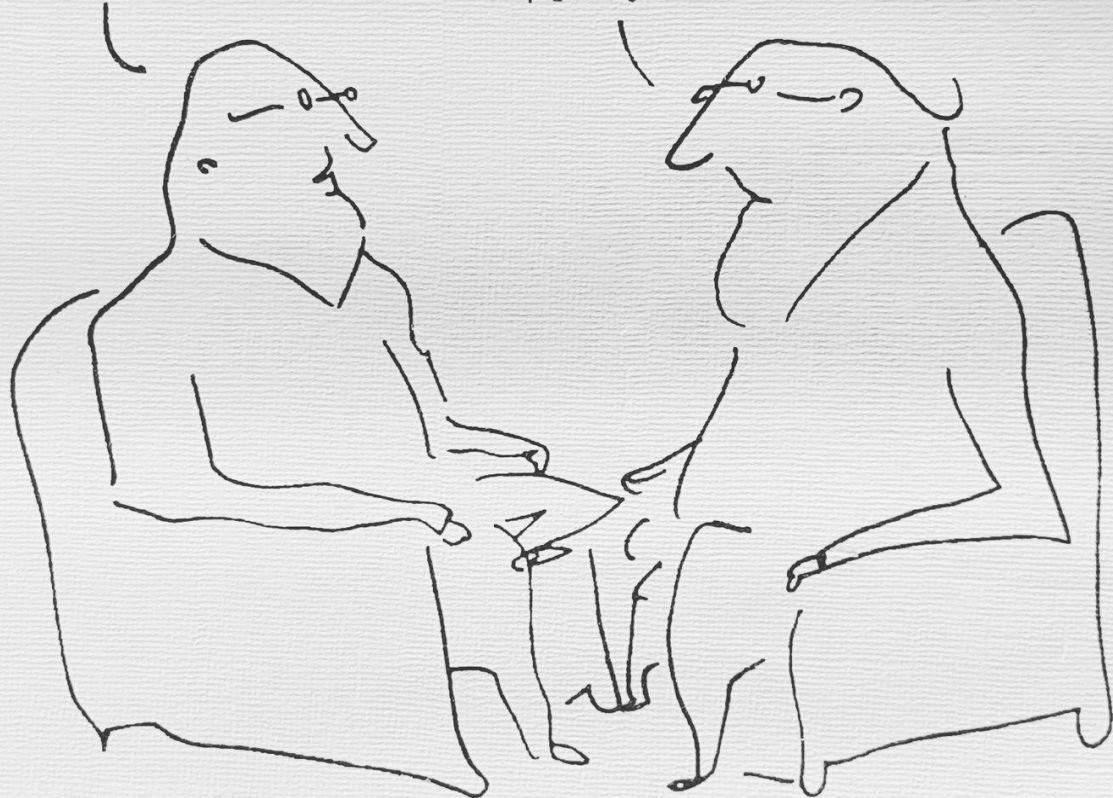
E assim, tal qual Deodoro ou Getúlio, não precisará ele de tiros ou tanques, senão apenas estacionar seus cavalos modernos na frente dos poderes e adentrar aos safanões promovendo sarcásticos ‘dá licença’, para sentar-se na cadeira de comandante geral.

Saberemos, então, neste instante, diante de imagens espalhadas do grande líder em repartições, findada a oposição que atrapalha a ordem e o progresso, todos tementes diante da fúria do não perdão à subserviência desobedecida, com quantas ameaças se desfaz uma democracia.

APOIA.se

QUE DEUS TENHA
MISERICÓRDIA
DESSA NAÇÃO.

SERIA UMA
ATTITUDE INÉDITA
DE DEUS.



31/56

[Handwritten signature]

2020

29

POR DURVAL LUCAS JR

**O DANIEL
SILVEIRA QUE
EXISTE EM CADA
UM DE NÓS**



A prisão do deputado Daniel Silveira (PSL-RJ) trouxe à tona várias questões do ponto de vista político e institucional que você certamente acompanhou no extenso noticiário da última semana. Neste espaço, gostaria de adicionar uma perspectiva diferente, ainda que totalmente relacionada com o fatídico e emblemático episódio: o comportamento agressivo que cada vez mais pessoas externalizam nas redes sociais. Aproveito, e já deixo uma pergunta: Como você tem controlado o Daniel Silveira que existe dentro de você?

Como Daniel Silveira não foi o primeiro, e infelizmente não será o último, acredito que vale a pena refletir sobre a atmosfera que envolve o comportamento agressivo nas redes sociais. Tenho certeza de que, em algum momento nos últimos meses, a incredulidade tomou conta quando você leu na sua timeline postagens e repostagens absurdas vindas de pessoas até então consideradas íntegras, amáveis e, por que não dizer, “pessoas de bem”. Uma analogia moderna ao clássico desenho animado de 1950, em que **Pateta** vive o pacífico Sr. Andante, que se transformava no aterrador Sr. Volante ao entrar em seu automóvel. Em 2021, saem os automóveis, entram as redes sociais.

Mesmo parecendo óbvio, é necessário dizer que já foi cientificamente comprovado que a raiva é mais influente nas redes sociais do que sentimentos como a alegria. Pesquisa¹ feita na China concluiu que uma das razões para a facilidade no compartilhamento de postagens raivosas é a “insatisfação com algum aspecto da sociedade atual”, que faz com que se construa um sentimento de solidariedade entre insatisfeitos – aquela busca por espírito de grupo que [mencionei na edição passada da Papo de Galo_revista](#), lembra? Pois é. Esse sentimento emerge por meio das postagens – especialmente, das repostagens, que requerem menos esforço das pessoas – e acaba se configurando numa importante demonstração de apoio mútuo.

Em que pese o passado delituoso do deputado agora presidiário, conhecemos bem a insatisfação que ele representa e que o elegeu. Também conhecemos a contínua deficiência da classe política brasileira em lidar com essa insatisfação, não só pela tradicional negligência, mas pela mesma surdez autoritária que toma conta das redes sociais e ajuda a disseminar a cultura do cancelamento – e que também comentei na edição passada, olha isso! Por essas e outras, o vídeo execrável de um deputado federal agredindo a Constituição que jurou defender representa tão fielmente os tempos conturbados em que vivemos.

O fato é que muitos de nós ainda acreditam que as redes sociais são a versão moderna do Velho Oeste nos filmes de caubóis: a famosa “terra sem lei”, na qual podemos fazer o que quiser sem a mínima possibilidade de responsabilização. Essas pessoas, assim como o próprio deputado, sentem a falsa proteção de estarem no mundo virtual, da mesma forma que o Sr. Volante se sentia numa armadura quando estava em seu automóvel. Por outro lado, confiam que a imensidão das redes sociais as protegerá de qualquer tipo de penalidade: afinal de contas, com tanta gente no mundo e com bilhões de post diários, não haveria motivos para alguém prestar atenção justamente naquele post. O que não deixa de ser um paradoxo, já que as pessoas utilizam as redes sociais exatamente porque amplificam o alcance do que elas têm a dizer.

O grande baque em situações como essas vem com a inevitável confrontação com a realidade. Aquele momento no qual se deve prestar contas pelas posturas agressivas que foram adotadas nas redes sociais. Sem a armadura virtual, a tendência natural é a busca pelo pragmatismo, ainda que muitas vezes travestido de covardia. É só lembrar do viral que mostra dois cachorros latindo ferozes de lados opostos do portão fechado, até que um ser humano abre os portões e eles imediatamente se acalmam. Uma coisa é brigar pelo teclado; outra é cair no braço.

Acontece que, nem sempre, o outro lado está disposto a relevar a agressividade desproporcional cometida, e a resposta vem pesada, ainda que de forma proporcional. Ou seja, ver aplicada a Terceira Lei de Newton pode ser muito pior para quem foi responsável pela ação que gerou a reação. Assim, não se pode esquecer que, do mesmo jeito que o deputado teve que, exemplarmente, enfrentar a mão pesada do STF, cedo ou tarde teremos a obrigação de lidar com as consequências do nosso discurso online.

Por tudo isso, considero muito importante que tenhamos a real noção de todos os posicionamentos que assumimos nas redes sociais. Ainda que seja difícil em algumas situações, pode valer mais a pena não ter opinião formada sobre um assunto, ou elaborar um discurso menos agressivo. Parte do que significa viver em sociedade é aguentar alguns sapos quotidianos em prol da convivência harmoniosa. Quando quebrarmos essa regra da boa convivência, é importante ter a certeza de que a briga vale a pena. Assim, teremos a tranquilidade de defender nossos pontos de vista quando formos confrontados fora do ambiente virtual.

¹ Fan, R.; Zhao, J.; Chen, Y.; Xu, K. Anger Is More Influential than Joy: Sentiment Correlation in Weibo. PLoS ONE 9(10): e110184. Disponível em <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0110184>

32

POR GABRIEL GALO

RESPEITO À LIBERDADE DE EXPRESSIONÃO NÃO É RESPEITO À EXPRESSIONÃO

◆ ATUALIZAÇÃO SOBRE ARTIGO DE 6/ABRIL/2020 ◆

Um dos maiores mantras da liberdade de expressão é aquele que afirma que “**toda opinião deve ser respeitada**”. Esta é, entretanto, uma distorção do que significa liberdade de expressar-se, que é a possibilidade de externar abertamente o seu pensamento. O que não significa que o seja falado deva ser aceito ou respeitado.

Estamos vivendo uma época em que, em nome de uma pretensa pluralidade, opiniões infundadas são difundidas e analisadas como se válidas. Está escondido neste debate aparentemente amplo o perigo que deturpa a ética do diálogo. Ao equalizar-se, por exemplo, ciência e achismo, a primeira perde relevância, enquanto a segunda eleva-se a um posto que jamais mereceu.

Mas assim é o mundo da pós-verdade, onde fatos são deixados de lado em prol de um discurso que toque à emoção e a crenças pessoais. É não apenas natural que em meio à pandemia, os instintos mais primitivos sejam ativados, que o medo domine o pensamento e dele se extraia o não-raciocínio. Assim, diante da complexidade e da incerteza, volta-se ao que escreveu o americano **H. L. Mencken**:

“Para todo problema complexo existe uma solução simples, elegante e totalmente equivocada.”

Perante a incapacidade de absorver a estrutura lógica de uma ciência que se ancora em metodologias comprobatórias, com variantes e regras demais, porém estritamente factual, reduz-se o campo de visão ao que determina o estômago e experiências prévias, a ouvir-dizer, encaixando narrativas a ideias pré-concebidas que são o expurgo da ignorância.

Ao considerar recorrentemente a reabertura do comércio e querer promover o “isolamento vertical”, os pressionadores do poder público abandonaram qualquer cunho científico, qualquer medida verificadora de validade, e apelam a uma crença de que brasileiro tudo pode, com fé, ginga e um jeitinho que é só nosso, mestres da gambiarra que somos.

Enquanto o mundo se fecha depois de dispender das mesmas artimanhas narrativas de cá e ter colhido resultados catastróficos, seguimos com a certeza imutável, porque Deus e o jejum não de prover, porque a temperatura espanta a pandemia que nem vidro blindado, porque o medicamento milagroso haverá de nos salvar, o que são algumas mortes (milhares, dezenas ou centenas de milhares, e daí?) diante da economia? Os outros lá de fora é que certamente não foram capazes de torcer o suficiente como a gente, brasileiros com muito orgulho e muito amor!

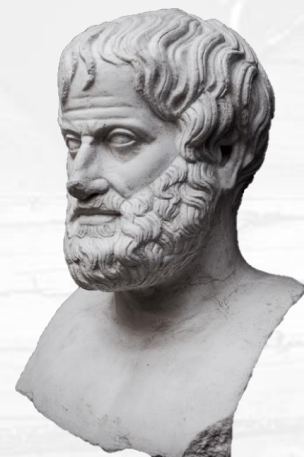
A pluralidade do debate se faz a partir de premissas que buscam o entendimento, partindo de pressupostos da ética do discurso de **Habermas** e tendo o princípio fundamental de **Aristóteles** de que não é necessário discutir com alguém que nega os princípios definidos. Assim, não se debate o que nega a ciência, assim como não se aceita ou respeita o que reduz ou ameaça a humanidade alheia nem o que busca impor comportamentos normativos que dizem respeito à esfera meramente pessoal.



H.L. Mencken
(Baltimore, EUA)
(1880-1956)
Jornalista e crítico social.



Jürgen Habermas
(Gummersbach, Alemanha)
(1929-)
Filósofo e sociólogo alemão que participa da tradição da teoria crítica e do pragmatismo, sendo membro da Escola de Frankfurt. Dedicou sua vida ao estudo da democracia, especialmente por meio de suas teorias do agir comunicativo, da política deliberativa e da esfera pública.



Aristóteles
(Estagira, Grécia)
(384ac-322ac)
Filósofo da Grécia antiga, fundador da escola peripatética e do Liceu, além de ter sido aluno de Platão

A postura de **Átila Iamarino** no Roda Viva de 30 de março de 2020, seguiu esta linha ao perguntarem sobre o isolamento vertical. Se não é ciência, portanto, não merece atenção, exemplo semelhante ao de **Gabriela Prioli** na CNN ao ser confrontada por argumentos vazios de lógica, apelando a justamente às famigeradas fake news: mentiras que, ao se pintarem de verdade, são o ralo da civilidade.



O fato é que o esforço de combater a mentira é muito maior que o de criá-la. Não se há, portanto, de propagar a manipulação. De nada adianta expor a ignorância de quem dela se orgulha. O problema é complexo e extrapola a pandemia, ao se utilizarem das táticas do fingimento aqueles com poder.

O caso de Daniel S. assim como há alguns anos foi o de Bolsonaro, e é o de tantos políticos, mas deles não apenas, não tem nada a ver com cerceamento da liberdade de expressão. Porque tem palavras que geram consequências reais.

Nos EUA, o simples ato de alguém levar a mão à posição de saque de armas pode configurar grave ameaça, passível de legítima defesa. Com as palavras, ocorre efeito similar, mas a delimitação desta agressão como crime é campo obscuro – e perigoso.

O desafio dos sistemas jurídicos e legislativos mundo afora está em conseguir definir a linha que identifique a partir de que ponto se promove o estímulo à ação violenta de outros. Este é um drama antigo, que sempre livrou muitos criminosos de prisão justamente porque uma pessoa não pode ser responsabilizada pelas ações de outras quando não há ordem direta. Mas o caso de 6 de janeiro de 2021 nos EUA e a marcha golpista liderada por Donald Trump – além das estruturas de influência das redes sociais, que ampliou o raio de atuação de uma mensagem para literalmente o mundo inteiro – mudou a mentalidade para que agressões diretas a instituições de contrapeso de democracia.

O que Daniel S. cometeu não foi uma opinião: foi um crime direto de ameaça e de insurreição. E dada a urgência do tema, alternativas têm que ser criadas para que o levante da extrema-direita não ganhe ainda mais corpo.

O que se promove, portanto, ao refutar a pena ao contumaz presidiário-deputado não se alinha ao tolhimento da liberdade de expressão. Porque continuamos livres para nos expressarmos como quisermos. Mas **o que se quer é que não haja consequências à palavra expressada, um salvo conduto, portanto, à criminalidade. Um excludente de ilicitude**, por assim dizer. E isso não tem nada a ver com liberdade de expressão, mas sim, com impunidade.

Ao fingimento da maior plataforma de **gaslighting** da história do mundo moderno, ainda estão todos tentando entender como romper a barreira da ignorância que não aceita o científico nem o civilizado sem a catástrofe concretizada, buscando fugir do canto da sereia da teoria de **Mencken** para escapar da solução fácil que nos trouxe ao obscurantismo.



“

Não se debate o que nega a ciência, assim como não se aceita ou se respeita o que reduz ou ameaça a humanidade alheia, nem o que busca impor comportamentos normativos que dizem respeito à esfera meramente pessoal.

”

36

CONSTITUIÇÃO
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
1988

POR GABRIEL GALO

SUPER FORO PRIVILEGIADO E A SUBVERSÃO DA DEMOCRACIA

Qualquer análise da Constituição atual deve ser feita tendo como parâmetro cenário de quando foi promulgada.

Em 1988 o Brasil vivia a incerteza da transição democrática. A Ditadura se despedira apenas 3 anos antes, o primeiro governo civil foi eleito de maneira indireta, a inflação era assustadora. Além disso, muitos políticos retornavam à cena pública depois de prisões e processos durante a Ditadura que cassou liberdades individuais com sangue nos olhos e nas mãos.

Para evitar rebotes persecutórios de “crimes” cometidos durante a Ditadura no Brasil, a **Constituição**, para assegurar a estabilidade política, instituiu o foro privilegiado como proteção à Democracia.

Passados pouco mais de 32 anos desde sua promulgação, o fantasma da Ditadura volta a assombrar o Brasil. Mas a realidade de momento é totalmente outra. E o foro privilegiado causa um efeito reverso na intenção que se propunha. Hoje em dia, ele é argumento técnico-jurídico para que bandidos defensores de arroubos autoritários – e de torturadores, regimes de exceção, preconceitos de toda sorte, dentre muitos outros – operem livremente, uma vez atuando por dentro da estrutura democrática.

É uma ironia em si: aqueles que pregam o rompimento democrático se utilizam de instrumentos projetados exclusivamente para proteger a democracia.

A Câmara dos Deputados, tendo boa parte de seus nomes mais poderosos – incluindo o do presidente, **Arthur Lira (PP-AL)** – imputados como réus em processos no STF, procurou se proteger de alguma maneira. Para isso, num primeiro instante, acolheu a determinação do STF, mantendo a prisão de Daniel S. No instante seguinte, no entanto, empurrou votação em regime de urgência de PEC que ficou conhecida como PEC da Impunidade, que ofereceria aos políticos ainda mais proteções contra crimes cometidos.





Este movimento pareceu excessivo até para o Partido Novo, que atuou junto com a quase totalidade das pessoas de bom senso do **Congresso Nacional** para derrubar a PEC. Uma vitória da civilidade, sem dúvida.

FISIOLOGISMO DE PROTEÇÃO

A sucessão de fatos ocorridos em virtude dos crimes cometidos por Daniel S. indica o nada bom e extremamente velho fisiologismo das instituições políticas nacional.

Se o STF se viu obrigado a atuar diante de mais uma grave ameaça contra si – mesmo que o tenha feito contra um soldado raso do bolsonarismo –, a Câmara agiu da mesma maneira.

A similaridade, no entanto, se encerra aqui. O STF, ao levantar voz e impor um limite de atuação, mesmo com atraso, o faz, dentro da proteção própria, com consequências à manutenção

democrática do país.

Já a Câmara o faz exclusivamente para promover um salvo conduto de que tanto precisa. Arthur Lira, ao passar à frente o tema do super foro privilegiado como prioridade maior do que debates sobre auxílio emergencial, compras de vacinas e outras questões mais que óbvias, viu a oportunidade para que os processos no STF, independentemente de confronto, fossem sepultados em definitivo. Era a Câmara, pois, legislando em causa própria.

Pautar esta PEC não foi, portanto, ação do Governo – o que pode justificar o Novo não ter embarcado na proposta, mas isso é somente conjectura provocativa –, mas sim um contra-golpe oportunista do Congresso.

Ao agir por interesse próprio, o STF acaba por contribuir para a manutenção da vitalidade democrática do Brasil; já os líderes do Centrão no Congresso, que já vitoriosos com o fim melancólico da Lava-Jato, veem limites.

A DEMOCRACIA AINDA PULSA

Há de observar estes desdobramentos de uma outra maneira. Uma em que as tais instituições democráticas, de um jeito torto, respiram.

Ao confirmar a sentença de prisão de Daniel S., o Congresso indica respeito –ou medo– ao STF. Este pequeno gesto prova que, dentro do Congresso, não se vislumbra qualquer possibilidade de ruptura institucional. Afinal, por que respeitar uma decisão de uma corte jurídica que pode ser desfeita? Por que respeitar uma decisão de uma corte descreditada?

Já o STF, alvo constante da horda golpista, respira, oferecendo resistência, mesmo que seja apenas quando se vê diretamente ameaçada.

Na última hora da sexta-feira, dia 26 de fevereiro, a PEC da impunidade foi derrubada. Deve ser encaminhada às respectivas comissões internas para ser avaliada – e derrubada em definitivo.

Ou seja, a pressão popular ainda funciona.

São alentos mínimos dentro de uma realidade intragável em um país sob o cetro inepto de Jair Bolsonaro. Ou não tão mínimos assim.

Os índices de rejeição do presidente despenham. As crises são muitas, não apenas mal administradas, mas também provocadas pelo governo. Vive-se o repique inflacionário mais grave desde a criação do **Plano Real**.

Essa conta vai chegar para o presidente. Se não agora, certamente em 2022. Por isso o presidente se adianta no fortalecimento do discurso de fraude eleitoral. Ele precisa disso para adiantar a não aceitação de uma reeleição perdida.

Se há muito pouco tempo o cenário provável era de intervenção, agora este caminho está sepultado de vez. A democracia resiste, mas não se deve esmorecer. A ofensiva e a vigilância devem manter guarda.



40

POR GABRIEL GALO



A IRRESPONSABILIDADE SÓ
PRECISA DE
DESCULPA

Desde que o ano de 2020 chegava ao fim, uma nova leva de desculpas foi difundida com ares de verdade incontestável: era necessário aglomerar nas festas de família e amigos para, cof, cof, manter a saúde mental.

Veja bem, eu entendo. Mesmo. Manter-se isolado é desgastante demais. Creio que todos tivemos momentos de não saber em que dia da semana estávamos, que data era. A convivência ininterrupta com filhos e cônjuges causava consequências drásticas. Divórcios se acumularam, toca pra carreta pedindo reabertura de escolas, porque filho é bom, mas tudo tem limite, inclusive o amor e a disposição.

Assim, mesmo quando a pandemia ainda parecia um exagero, fabricaram-se justificativas, de acordo com o que se fazia aceitável no instante, prontas para se mudar depois.

A preocupação com o psicológico de agora é a antiga preocupação com a economia. Mas a economia não voltou, nem voltará, insumos estão faltando, inflação disparando, crise ainda mais grave na porta. Vê-se, pois, que se precisava de outra razão para renovar o enredo.

Muitos rompem a barreira de marionetes da pretensa dignidade ignorante no curso da tragédia, e se tornam agentes da infâmia. Direcionam a conversa para fortalecer mitos desumanos, projeções com sua imagem e semelhança, porque não são os opostos que se atraem, mas os iguais, mesmo que, um tanto envergonhados, apelem para senões, seja economia, seja psicológico, seja qualquer outro que venha na sequência.

“Sanidade mental”.

A consequência veio. Pico de mortes na pandemia, colapso do sistema público e privado de saúde. Agora, mesmo casos menos graves ficarão à mercê do acaso, já que a sem UTIs apropriadas, a fila de espera se torna a fila de entrada no IML.

Mas, né?, sanidade mental.

Porque quem disso se vale não busca a alternativa individual para solucionar um problema que é obviamente grave. Aliás, é exatamente a gravidade do problema que torna a desculpa aceitável. Mas se cada um se recolhesse à busca individual, estava tudo certo. Mas não.

Colocaram-se os 2 pés fincados na irresponsabilidade. Em nome da “saúde mental” – afinal, quem não sente falta de abraços, da família, de amigos? – aglomerações voltaram. E vamos para as férias naquele lugar paradisíaco, tudo seguindo os protocolos, sabe?, álcool em gel e evitando toque, mas não filma, não, senão verão que o tal do protocolo conversa fiada, acredita quem quiser, mas a minha consciência está tranquila.

Afinal, pô, sanidade mental. Quem aguenta?

E nunca se morreu tanto de Covid.

O importante é a paz interior e a responsabilidade difusa. “Não fui eu, pode ter sido qualquer um”. E assim dormem o sono dos injustos os tranquilos que precisavam apenas de uma desculpa para ocultar sua irresponsabilidade.

Claro, a culpa não é sua. Nunca será. O problema sempre são os outros.

Até a próxima desculpa.

252.835

mortos por Covid no Brasil até 26/fevereiro.

42

POR GABRIEL GALO

O FAZ-DE-CONTA DA CONTENÇÃO

#VacinaJá

Fazer o que precisa ser feito, em tempos complicados como este de pandemia, exige atuações firmes, talvez enérgicas, e certamente impopulares. Este último item, contudo, assusta políticos. Porque se se perde voto, o custo da decisão se torna caro demais.

O *lockdown* foi recurso em todo o mundo para tentar frear a curva de contaminação. Menos no Brasil. Isolamento nunca foi efetivamente uma opção, especialmente porque os negacionistas da pandemia atribuem importância maior à economia que à vida, conforme explicou Milton Santos, em referência no Editorial desta revista.

É resultado de toda uma estrutura social pautada na escravidão – trabalhadores subalternos não são gente, são recursos econômicos, e sem eles o empresariado “morre” – que pessoas de negócio marchem aos escritórios do poder exigindo manutenção da economia. Morte de CNPJs são muito mais relevantes, concluem, trazendo na fala resquícios de um racismo que nunca foi confrontado como política pública.

Mas todo negacionista é, por premissa, um ignorante. Estudos da época da gripe espanhola provaram que a crise econômica caminha junto com a crise sanitária. Ou seja, enquanto houver pandemia, haverá crise. Nesta pandemia, a Suécia foi exemplo claro de como deixar as coisas como estavam apenas causava mais mortes, com impacto econômico igual ou maior que países equivalentes em tamanho e em estrutura. Na ânsia pela manutenção econômica, conseguiram somente aumentar a contagem de corpos.

Mas estes negacionistas são poderosos e barulhentos. Aproveitaram-se da situação de vulnerabilidade da camada mais pobre para pedir a urgência do retorno, para que nada fechasse. “Não se pode tolerar a morte de CNPJs!”

Foi emblemático que a primeira morte fosse de uma empregada doméstica de família rica do Rio de Janeiro.





A MULHER DE CÉSAR

Diz-se que a mulher de César, mais do que ser honesta, tem que parecer honesta. É sob este lema que vivem os políticos brasileiros.

Como uma eventual inibição da circulação geral provocaria um debate acalorado sobre o papel do Estado, impactando em votos perdidos em futuros pleitos, opta-se pela alternativa da mulher de César. Qual seja: não necessariamente fazer o que precisa ser feito, mas parecer que está fazendo alguma coisa.

Ah, o fingimento.

É o que ocorre agora em São Paulo. O governador João Dória vê a rede de saúde em colapso. A curva de contaminação se acelera, e a de morte pega embalo. Nunca se morreu tanto, e a tendência é que morram ainda mais pessoas.

Mas o auxílio emergencial foi cortado – o socorro, tanto às pessoas quanto aos negócios deveria partir do Estado, vide a maneira como o Reno Unido lidou com o problema – e estão todos entregues à própria sorte. Mas em vez de o povo pedir a solução necessária, apela ao torcer para que tudo dê certo. Não deu até agora, nunca deu, mas está no livro “O segredo” o quanto o pensamento positivo resolve pandemias, talvez não literalmente, mas se chega lá, basta ter fé e esperança.

Assim, o Brasil escreve mais um capítulo de uma história política repleta de decisões equivocadas, sob falsos pretextos e vivendo de aparências.

Institui-se, pois, o mitológico e midiático “toque de restrição”. Resolve algo? Nem perto disso. Lockdown? Fora do radar, povo não aceita. Então que se invente algo que pelo menos pareça que algo é feito.

Enquanto isso, a vacinação é interrompida por falta de insumos, o auxílio vai voltar menor, às custas da Saúde e Educação, e seguimos no mais do mesmo.

45

POR FLAVIA VASCONCELOS

JUNTOS DE NOVO



O RECONHECIMENTO

Era noite de reencontro na **Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia**, em Salvador. Noite de aproximação com um passado que reverbera até os dias atuais na vida de quatro pessoas. Quatro vidas que em determinado momento do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, estiveram ligadas pelo mesmo sentimento de justiça e liberdade. **Cesar, Célia, Crisóstomo e Vandilson**, unidos a mais uma multidão de outras cabeças jovens e dispostas, quiseram transformar a situação política de um Brasil amordaçado. Escolheram viver, naquele período, para esta finalidade. E conseguiram ao se lançarem juntos, numa experiência única e inesquecível: serem vendedores de um jornal da imprensa alternativa, que denunciava as consequências desastrosas da ditadura em todo o país. O **Jornal Movimento**.

José Crisóstomo de Souza era o diretor da sucursal baiana, e **Cesar Olimpio de Oliveira Neto, Célia Regina Menezes Bandeira e Vandilson Pereira Costa** eram os responsáveis, junto com tantos outros parceiros, por disseminar cada exemplar pelas ruas da cidade soteropolitana. Uma tarefa, para eles, muito importan-

te. Uma missão a ser cumprida.

Naquela noite eles se reencontraram, quase 30 anos depois. Pelo menos dois deles, **Cesar e Crisóstomo**, não se viam desde 1981. Os cabelos já grisalhos não camuflaram as feições de cada um, rapidamente reconhecidas entre eles. E um abraço encurtou esta lacuna de tempo, que distancia, mas não apaga momentos marcantes. Só faz compreendê-los melhor no futuro.

Enquanto os outros não chegavam, Cesar caminha pelos corredores, com as mãos cruzadas para trás, observa o refeitório, sobe as escadas, desce as escadas, assovia, olha para o teto, descruza as mãos, alisa as paredes. Parecia estar fazendo um reconhecimento de território. Território no qual esteve inúmeras vezes, tempos atrás. Tempos de movimentação estudantil e política. Período em que a criatividade se materializava em murais, discursos e, mais ainda, em atitude. É. Atitude deveria ter sido o nome usado para classificar as décadas de 1970 e 1980, da mesma maneira que os historiadores dão nome a os períodos clássicos da humanidade. Eles brilharam nas décadas da Atitude.





A Faculdade de Arquitetura da Ufba, foi o cenário para revisitar o passado e, o mais importante, rever os companheiros de muitas aventuras. Até o dia chegar, muitos e-mails foram trocados e na escrita podia se notar um tanto de ansiedade de cada um, acompanhada de certa euforia. Mas porque lá? Porque se encontrar num ambiente onde uma nova geração está presente, recriando o espaço, tornando-o novo, outro?

Cesar desce os degraus largos, que ligam o térreo ao subsolo, e comenta:

— Demorei muito pra estacionar. Antigamente ali era tudo vazio! - Apontando para o mar de carros que ocupava o terreno onde, na década de 1970 era um campo aberto.

— É... hoje os estudantes têm carro! Respondo, com um riso leve na voz, achando graça da comparação. Afinal, o fato era curioso e não deixava de ser um sinal de uma nova geração. De um novo comportamento.

Era tudo diferente, mas ao mesmo tempo, tudo igual. Eu queria convidá-los para uma viagem no tempo, e a Faculdade de Arquitetura era o lugar perfeito para isso. Lá, eles se encontraram muitas vezes. No auditório, ou naquele mesmo pátio. Reuniões que varavam a noite com o objetivo de discutir, organizar, planejar e agir. Um verdadeiro plano de ação contra o inimigo, a ditadura. E fizeram isso muitas vezes. Eu pensei que lá, eles podiam se sentir acolhidos, ou provocados a se transportarem. Afinal, as paredes daquela velha faculdade eram as mesmas, o bairro era o mesmo. E eu estava certa. A viagem aconteceu.

O encontro ocorreu em uma de muitas salas de aula da faculdade. A porta aberta mostrava o trânsito frenético de estudantes pelo corredor, uns chegando para mais uma bateria de aulas e outros indo embora, finalizando o dia. Gargalhadas, brincadeiras, conversas em alto tom podiam ser ouvidas de dentro da sala. Na cantina, ao lado, uma estudante pede um suco de laranja. “Bota na minha conta!”, ela grita.

MOVIMENTO

POLUIÇÃO X CRIANÇAS (a doença no ar em São Paulo)
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (Multinacionais e Política)
ARGENTINA A morte de Roberto Santucho
PERU As ilusões desfeitas
ACORDO ATÔMICO Agora, com correção monetária...
ROBERTO SCHWARZ Entrevista "O problema não é ser a favor ou contra as ideias estrangeiras, mas considerá-las sob uma perspectiva popular"

CENA BRASILEIRA

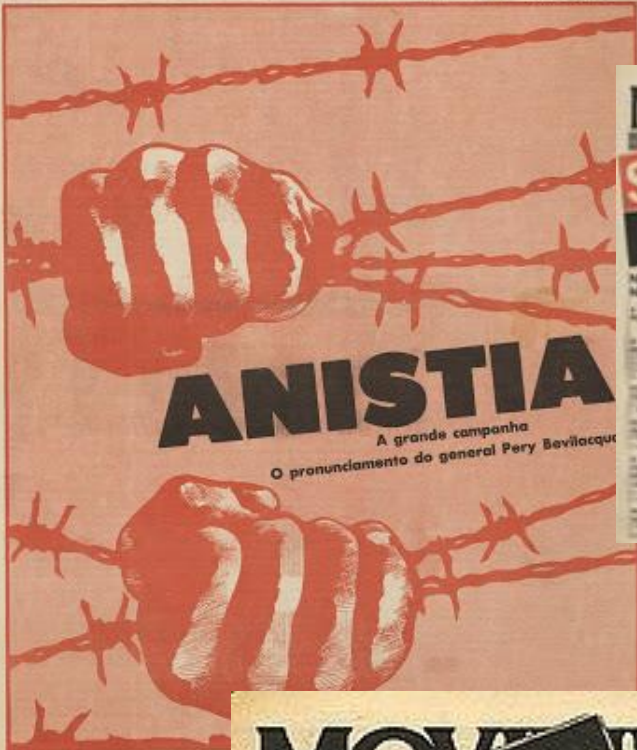
A ÚLTIMA VIAGEM DO EXPRESSO BÓIA-FRIA

(A morte de 19 trabalhadores do campo, em Araraquara, S.P.)



MOVIMENTO

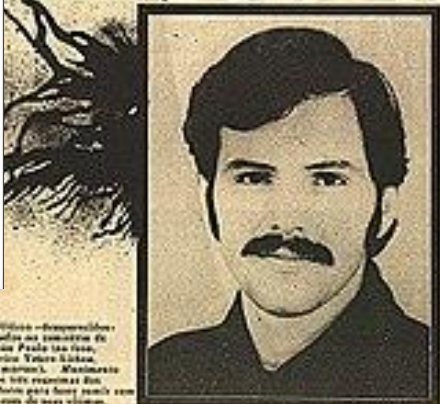
Com o editor especial Le Monde



MOVIMENTO

Atualiza no Congresso: GOVERNOCANHA POR UM TRIZ

COMO DESAPARECIAM OS MORTOS DA TORTURA



Para onde vai o Brasil
Fernando H. Cardoso
Hugo Abren
Moniz Bandeira
Olívio Dutra

Foi aí que olhei para frente e vi que o reencontro já tinha começado... Durante a meia hora de espera pelos outros, não enxerguei o que estava acontecendo diante de mim. Cesar e Crisóstomo, que haviam chegado mais cedo, conversavam sobre suas vidas e o que haviam feito delas. Juntos, se lembravam de pessoas, datas marcantes, lugares onde estiveram e que serviram de palco para muitos protestos, reuniões, trabalhos conjuntos e, é claro, para muitas festas. “E você, Cesar? O que tem feito?”

“Liga a câmera! Já tá rolando!”, disse discretamente ao meu parceiro e também jornalista, Marcelo Issa, que me acompanhava com a função de registrar o grande reencontro daquelas pessoas, eternas apaixonadas pelo passado. Apaixonadas não pelo que enfrentaram em decorrência da repressão criminosa do golpe militar, mas sim pelo o que foram naquele período, pelo o que construíram. Um passado que faz com que eles sintam orgulho deles mesmos.

UM JORNAL DE JORNALISTAS

Um desentendimento entre o jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, o então editor do **Opinião**, jornal alternativo lançado em 1972, e o empresário Fernando Gasparian, dono do empreendimento, provocou danos irreparáveis à estrutura do projeto. Raimundo Pereira foi demitido e boa parte da redação resolveu acompanhá-lo em solidariedade. Logo depois, fundariam uma empresa de quase trezentos jornalistas de várias tendências políticas de oposição à ditadura militar, o **Jornal Movimento**.

A professora Maria Aparecida de Aquino em seu livro “Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)”, afirma que, embora tivessem o mesmo pensamento antigolpe, Raimundo Pereira e Fernando Gasparian divergiam sobre assuntos ligados à propriedade do jornal. Para Pereira os jornalistas deveriam possuir boa parte das ações da empresa, pois, dessa forma, a autonomia da redação nas decisões seria respeitada. Ele acreditava em um jornal de jornalistas. No entanto, Gasparian não abria mão da



DEBATE
TRÊS EXISTEM PRONTOAS
PRADO PEREIRA
ACONSTITUENTE DO PI

Qual político «republicano»...
Esqueceu-se de lembrar de...
Porém, São Paulo tem feito...
E não é apenas Tereza Ligório...
em sua opinião? Movimento...
fazendo os seus trabalhos em São...
E comemorando pela festa recente...
em celebração de seus vitórias.

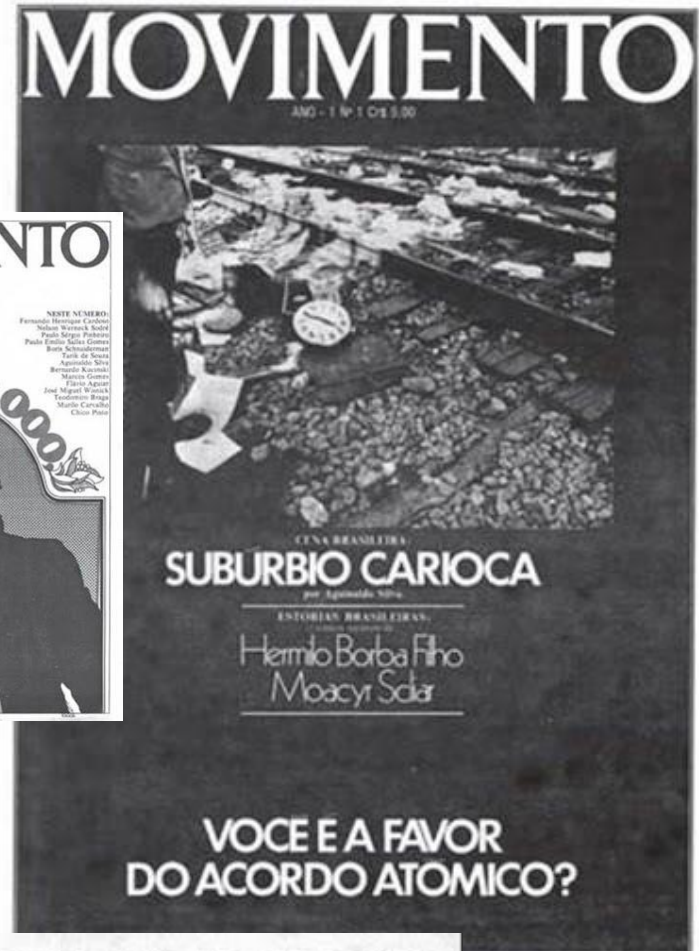
propriedade, embora se compromettesse a não monopolizar as ideias do Opinião.

Segundo o jornalista, o compromisso foi honrado somente até as primeiras 121 edições do jornal, depois os conflitos começam a ser rotineiros e Gasparian decide demiti-lo. Em protesto, grande parte da redação, que compartilhava das ideias do ex-editor, se retirou do jornal, reafirmando a vontade de fazer uma empresa jornalística que fosse dos próprios profissionais. Com essa intenção, criam o Jornal Movimento, com linguagem mais popular e controle acionário repartido entre os jornalistas.

Para fundarem a sede do **Jornal Movimento**, em 1975, os jornalistas, que estavam no Rio de Janeiro, se mudaram para São Paulo por motivos unicamente políticos e de afinção com a linha editorial do jornal que estavam criando. Em São Paulo, a classe operária estava começando a se manifestar contra a ditadura e havia um movimento crescente de massa. O Movimento, por ser declaradamente de esquerda, dependia das ações populares para alimentar o seu conteúdo, portanto, a capital paulista era o lugar ideal para se trabalhar.

A linha editorial do semanário era definida por um grupo representativo de intelectuais, jornalistas e artistas progressistas. Dividido em sub-cursais por todo o Brasil, tinha em seus quadros figuras como o ativista Chico Mendes, morto em 1988, que vendia os exemplares na Amazônia. Integravam o conselho editorial, entre tantos outros, nomes como Chico Buarque de Hollanda e Fernando Henrique Cardoso. No conselho de redação estavam jornalistas renomados, como Aguinaldo Silva e Bernardo Kucinski, além do próprio editor-chefe Raimundo Pereira, que hoje comanda a Revista Retrato do Brasil e já ocupou cargos relevantes na Veja e na Folha de São Paulo.

O *Movimento* era voltado para os problemas reais do povo brasileiro. Aqueles escondidos pelo conto, chamado milagre brasileiro, inventado pelos militares. O jornal preservava uma linguagem que pudesse atingir, principalmente, as classes populares, além de optar por temas



que estivessem diretamente ligados ao dia-a-dia do trabalhador. Os artigos, reportagens, notícias e charges denunciavam, analisavam ou comentavam um Brasil que só o povo conhecia.

Leitores assíduos e vendedores dedicados como as cinco pessoas que retornavam à Faculdade de Arquitetura naquela noite, com o único objetivo de reviverem o passado. Reviverem e narrarem para mim (e, no final das contas, para eles mesmos, em um exercício de auto descobrimento ou de reencontro com os jovens destemidos que foram tempos atrás) como era tamanha a expectativa de todos, por exemplo, pela chegada do jornal na cidade, a cada semana. E como se sentiam tão úteis e fortalecidos quando iam para as praias nos fins de semana, ou para a porta do Teatro Castro Alves, ou Teatro Vila Velha, para venderem o Movimento. “Engraçado é que algumas pessoas que viam a gente se afastavam, com medo, outras compravam o jornal quase que escondidos!”, relembra Cesar.

Depois de algumas lembranças se fazerem presentes, e até principiar um debate sobre o cenário político atual, a conversa é interrompida pela chegada de Célia Bandeira. Cesar e Crisóstomo se levantam e denunciam nos rostos a alegria de rever a amiga. Cesar a abraça, um abraço demorado, carinhoso. Nunca teve com ela uma aproximação de amizade profunda, mas a figura de Célia foi, naquele momento, a materialização de uma das épocas mais felizes de sua vida.

Crisóstomo beija a sua mão, demonstrando respeito. Um comportamento afetuoso e elegante, típico de um cavalheiro, de um homem da realeza, para com a dama. Homem do reino dos ideais revolucionários, dos sonhos heroicos onde habita Dom Quixote de La Mancha, com quem, inclusive, se parece bastante fisicamente. Crisóstomo tem a fisionomia semelhante ao do personagem de Cervantes! Esta foi a primeira leitura que fiz dele, logo quando o conheci. E ele gostou disso. “Os devaneios são bem parecidos mesmo!”, brinca ao conversarmos sobre esta minha impressão.

Celinha, como era conhecida no tempo em que era estudante de arquitetura, “invade” a sala e parece impulsionar ainda mais a atividade proposta para aquela noite: ser feliz! Se sentir poderoso novamente, ser jovem, ser revolucionário. E, por mais que o tempo tenha passado, e as experiências de vida, acompa-





nhadas com a idade, tenham aumentado, a essência de cada um ainda é a mesma: aguerrida. Todos, a sua maneira, através da profissão que escolheram e da filosofia de vida que construíram, continuam tentando modificar para melhor o país onde vivem.

Alguns minutos depois, Vandilson aparece. “Ô, minha gente, desculpem o atraso!”, interrompe o clima, ainda de confraternização com a chegada de Célia. Abre os braços e diz não acreditar que estava ali com os outros. A voz, alterada, expressa alegria. Me abraça, abraça Célia. Cumprimenta os homens. E, atizado por uma fotografia antiga que aparecia ele e outros companheiros em um dia de manifestação, posta em cima da mesa por mim, ele dispara a falar. As lembranças cambaleavam e saíam de sua boca, sem pausas. Ele era só emoção. “Essa daqui – dando uns tapinhas na mão de Célia – foi, por muito tempo, a minha referência no movimento estudantil!”, declara-se. Um sorriso envergonhado e modesto enfeita o rosto de Célia, mulher elegante, bem vestida e de belos cabelos grisalhos que a faz única e ainda mais interessante. Assumiu a sua passagem de tempo, segura de si, de sua beleza feminina.

As horas adiantadas pediam um fim daquele reencontro. A faculdade já ficava silenciosa, o som que se ouvia agora eram dos grilos da noite, dos poucos pingos de chuva que ainda insistiam em cair lá fora. Era chegado o momento de mais uma separação daquele grupo, que vai existir coeso, unido por muito tempo.

O Jornal Movimento fechou as portas em 1981, devido às mudanças políticas, às transformações, e também a chegada de outras e mais novas produções jornalísticas, mas a responsabilidade que Cesar, Célia, Crisóstomo e Vandilson assumiram quando pegavam os exemplares para vender ou dirigiam uma sucursal, eles levaram para a vida. Eles ainda se sentem responsáveis, ainda sonham, mas também sabem que o novo sempre vem e, sabiamente, concedem espaço para este agir. E, em um dos tantos e-mails compartilhados com o grupo, pergunto aos quatro quais tinham sido os seus sonhos e se eles permanecem iguais nos dias de hoje. Crisóstomo responde, com palavras intocáveis, impossível de serem convertidas em um discurso indireto, merecendo serem passadas adiante como nasceram, um desfecho digno para esta história:

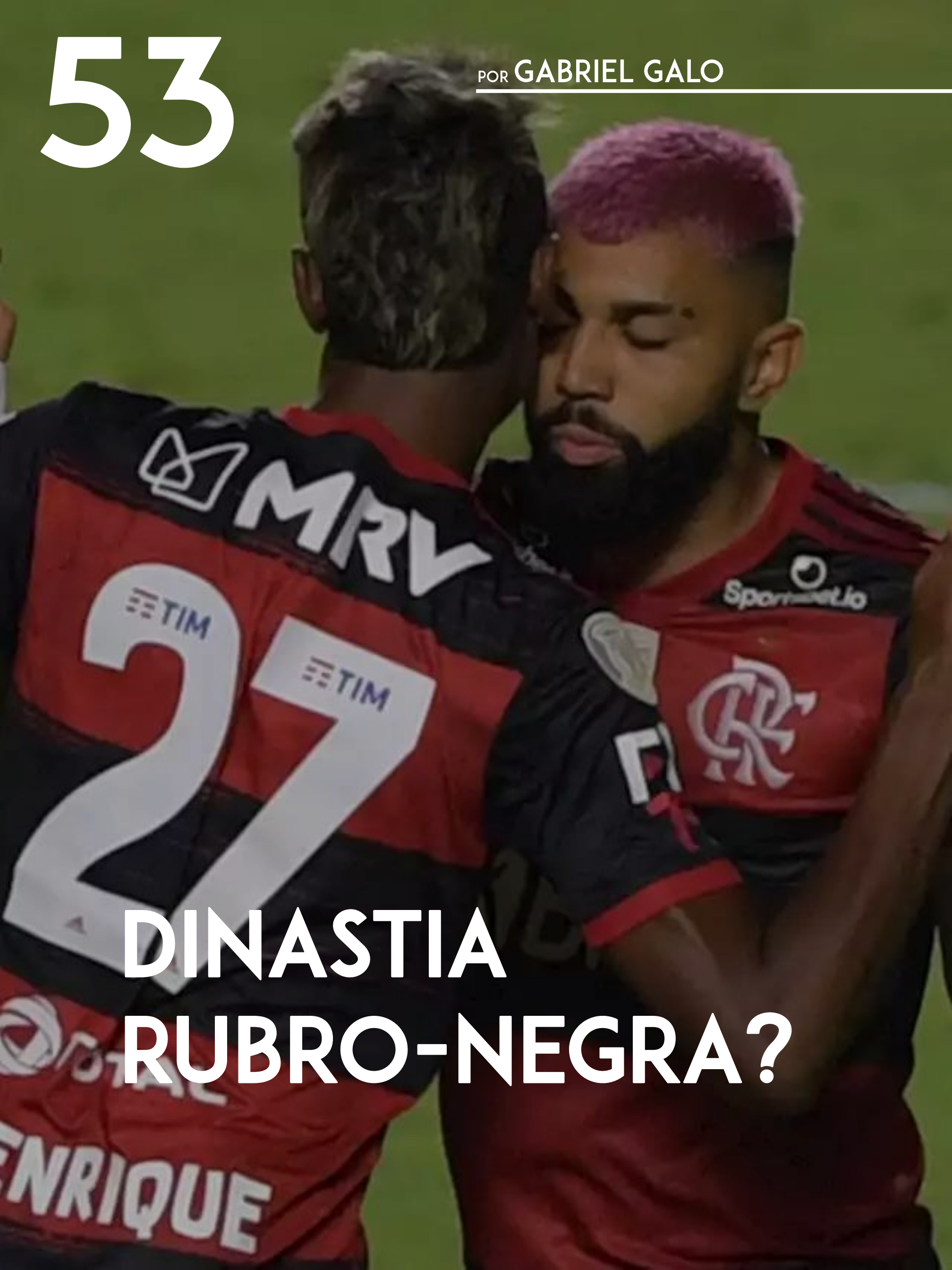
Nossos sonhos eram de um mundo muito, muito melhor. Sem miséria e sofrimento. Sem injustiça. Mais belo também. O sonho de uma grande virada, que se daria em nosso tempo, para a nossa geração, e que nos levaria diretamente a esse mundo novo, inteiramente outro. Era o que dava sentido a todas as nossas ações. Algo que, para nós, só as pessoas não generosas, egoístas, ou as pessoas inconscientes, não queriam ou veriam. Tínhamos esses dois lados (nós vs. eles) bem definidos. A tarefa também. O script – universal e necessário. A Teoria.

Meus sonhos hoje são os mesmos. O script é que mudou um pouco, ficou menos fechado, menos absoluto. A meta também. Agora deixamos mais para as gerações futuras cuidarem ou inventarem. Problemas novos e soluções novas vão sendo criados. E agora damos mais importância ao sentido do presente, para nós mesmos e para as outras pessoas, em seu/nosso destino particular. Ficamos menos convencidos e mais abertos. Acho.

Mas o que molda minhas ações, move minhas paixões, o sonho que me embala – são as mesmas coisas. Com um grão de realismo – e de modéstia. Agora, por exemplo, acho que há tempo e necessidade para eu me ocupar do que explorações, digamos, filosóficas, novas, que possam dizer algo válido para essas coisas. Agora, também, temos um processo político em andamento, para apoiar ou questionar. Temos, enfim, uma construção a ser tocada a muito mais mãos, e de modo mais incerto e tentativo – bem mais, do que a nossa ideia anterior, de vanguarda, concebia. São as nossas esperanças, e também nossos limites.

53

POR GABRIEL GALO



DINASTIA RUBRO-NEGRA?

ENRIQUE



Veza ou outra um clube de futebol surge para instaurar uma dinastia no futebol local. Alguns expandem fronteiras e se elevam a regiões e fronteiras além-quinata. O Brasil, claro, não é exceção.

O primeiro grande supertime, destes tidos como imbatível, foi o Santos de Pelé no fim da década de 1950 e começo da década de 1960. Foram inúmeros títulos brasileiros, 5 Taças Brasil em sequência, 2 Libertadores e Mundiais, excursões mundo afora. Todos queria ver o Santos.

Na segunda metade dos anos 1970, o grande time brasileiro a ser batido era o Internacional. Foram 3 títulos nacionais em 5 anos, embora a conquista da América tenha batido na trave.

Quem assumiu o posto deixado pelo Inter foi o Flamengo de Zico. Nos anos 1980, dominaram o futebol nacional com exibições de gala, e muitos títulos, incluindo 4 brasileiros, 1 Libertadores e Mundial.

O São Paulo de Telê virou frente do pelotão na virada para os anos 90. Posto reassumido pelo Palmeiras galáctico, mas que nunca alçou voos além do Nacional. No fim dos anos 90, o Corinthians era o grande time brasileiro, culminando num Mundial contestado, mas válido.

Nos anos 2000, o São Paulo voltou a ser o comandante, com um tricampeonato seguido do Brasileirão, autointitulando-se Soberano – mas sofrendo, como outros antes dele – com a limitação do alcance.

Alternaram-se depois o Cruzeiro de Marcelo Oliveira, Ricardo Goulart e Everton Ribeiro, o Corinthians de Tite, o Palmeiras da Leila. Agora, surge como ponto de máximo o Flamengo.

Algo, porém, separa o Flamengo de agora com outros times, principalmente dos anos 2010: a colossal distância financeira entre o rubro-negro carioca e o resto do pelotão. E esta robustez – aliada a uma gestão financeira consciente – indica domínio prolongado.

Sem dúvidas, o elenco carioca é o mais completo e qualificado do Brasil. Nem o Palmeiras campeão da Libertadores e Paulista, finalista da Copa do Brasil – inicia a final contra o Grêmio neste domingo, dia 28 de fevereiro – se assemelha. Além disso, o Palmeiras, apesar de rico, faz-se crescer pelos cofres polpudos de Leila Pereira, dona da Crefisa e da FAM, que patrocinam o Palmeiras com recursos a perder de vista. Mas não são próprios. Acabado o mecenato, o que será do Palmeiras?

A estabilidade financeira do Flamengo o coloca vários corpos à frente do resto. Em 2019, beirou a marca de 1 bilhão de reais em faturamento. Se em 2020 os resultados não vierem na mesma proporção, o resultado do Brasileirão mostra a disparidade de um time que se dá ao luxo de ter Pedro, artilheiro nato, como reserva de Gabi.

Tão à frente, o Flamengo se dá ao direito de errar. E se em competições de mata-mata, oscilações significam eliminações, em pontos corridos, só uma improbabilidade de eventos tira um título do Flamengo. Para isso, o Flamengo tem que errar muito, e os adversários têm que aproveitar ao máximo a oportunidade.

Primeiro o São Paulo de Fernando Diniz e Daniel Alves quis o posto. Mas a incapacidade de gestão de grupo do treinador dinamitou a equipe, especialmente após o jogo contra o

Bragantino, derrota por 4 a 2 com direito a humilhação pública de Tchê Tchê por parte do técnico.

Depois o Inter de Abel Braga assumiu a ponta. Errático no começo, o time encaixou e emendou sequência notável de vitórias. Mas começou a faltar gás no fim do campeonato. Em que se pese a dubiedade do VAR, principalmente no pênalti desmarcado no jogo da última rodada contra o Corinthians, o Inter se acovardou numa decisão em que a vitória era imperativa.

Enquanto isso, o Flamengo ia ao Morumbi enfrentar o São Paulo, time em que Rogério Ceni, técnico do Flamengo, é ídolo e que nunca venceu na carreira de treinador. Continuou sem vencer. A derrota por 2 a 1 abria o caminho para o Inter comemorar seu primeiro título do campeonato Brasileiro em 41 anos. Mas parou na trave, em Cássio, nos gols perdidos e num VAR polêmico. O Flamengo deu a deixa. Mas não houve quem pudesse suplantá-lo.

E é isso que projeta um futuro dominante do Flamengo. Só que futebol tem variáveis demais envolvidas. Um grupo vencedor agora pode se tornar um problema depois. A fonte de títulos pode secar, claro. Em algum momento, e assim é a história, será substituído por outro clube. Mas ao que parece, a era de domínio rubro-negro está apenas começando.



56

POR EDUARDO GALDURÓZ

A group of soccer players in red and black jerseys are gathered around a smartphone held by one of them. The players are looking at the screen with interest. The background is dark, suggesting an indoor stadium or arena.

**QUE TÍTULO,
SENHORES, QUE
TÍTULO!**

A esta altura, é dizer, à altura em que me leem os raros leitores (porque leitores, ainda que raros, fazem isso: leem), o campeonato brasileiro já terá se resolvido. “Já”, evidente, é modo de dizer, impropriedade que se justifica apenas pela inaptidão do cronista. Uma redação escrutinosa recomendaria o vocábulo “enfim” (além de evitar palavras de questionável existência, como escrutinosa), uma vez que o campeonato de 2020 somente se decide quando já andamos encrencados em quase março de vinte e um.

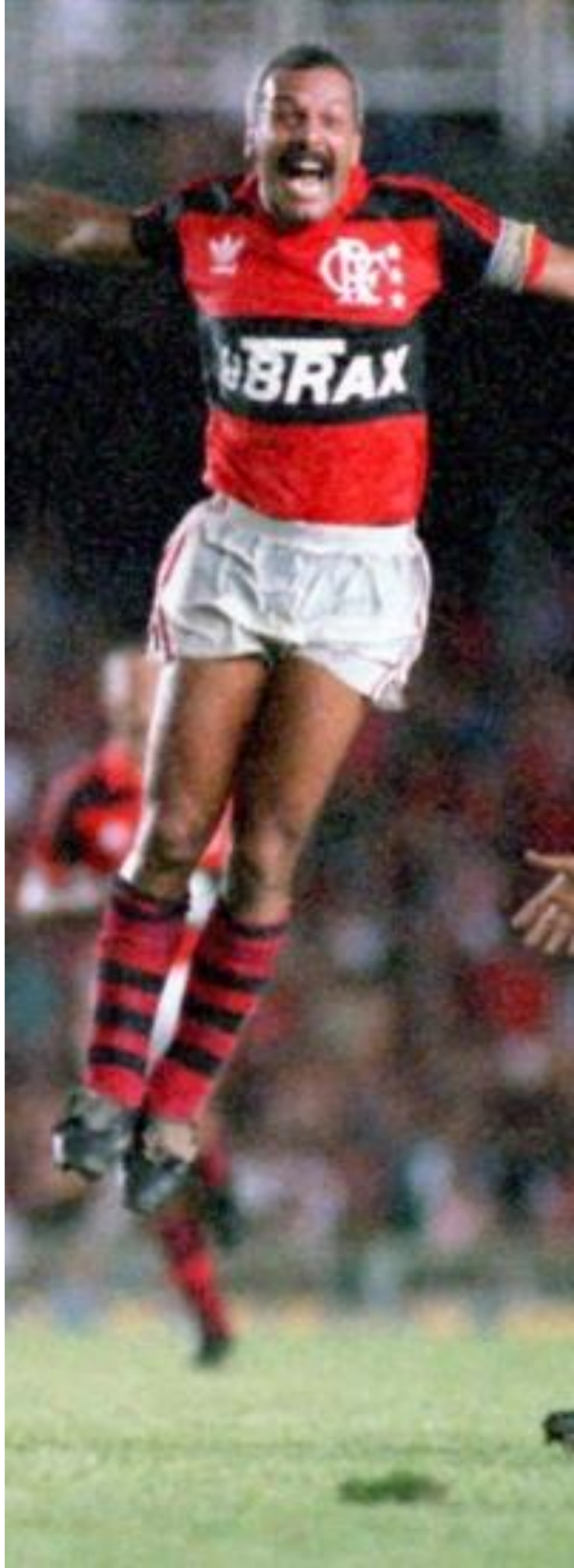
Falando nisso, já perceberam que, a partir de vinte e um, soa novamente correto tratar do ano somente por decimais e unidades? Assim ó: vinte e um. Não dois mil e vinte e um. Era assim no século passado (segundo me contaram): comemorava-se a chegada de **noventa e dois**, e não do ano da graça de MIL NOVECENTOS e noventa e dois.

Não havia esse tipo de intimidade até o ano passado, senão repare. Soa estranho falar em “olímpiadas de vinte” (vai ver foi por isso que nem teve), ou lembrar da “copa de 02”, que a gente não fica sabendo se é o torneio de futebol ou a cozinha de Carlos Bolsonaro, desculpem o mau vernáculo.

Outro bom exemplo, esse do século passado: ninguém diz golpe de mil novecentos e sessenta e quatro, mas golpe de sessenta e quatro. Há quem fale, é claro, em revolução de sessenta e quatro, mas aí devido perturbações de gravidade maior, que refogem às meramente semânticas.

Enfim, vinte e um é nosso bróder na mesa de bar, dois mil e vinte é nosso chefe na festa da firma, que você tá bêbado, gravata na testa e o escambau, mas ainda tem de chamar de senhor.

Mas dizia eu, antes de ser abruptamente interrompido por meus próprios pensamentos, que, a esta altura, quase correndo março de 21, o campeonato de 2020 terá se decidido, em uma rodada de quinta à noite, com São Paulo x Flamengo e Inter x Corinthians, gaúchos





e cariocas disputando o título.

Ocorre que, circulando a revista na sexta-feira, seria obrigação do cronista minimamente responsável acompanhar ambas as partidas até o final, uma ao vivo, outra em repeteço, para só então, enfunado nos frios ventos da madrugada, iniciar seu texto. A crônica, sendo a mais jornalística das formas literárias (ou a mais literária das formas jornalísticas), deve estar sempre em cima do fato, uma espécie de Comandante Hamilton em letras de imprensa. O leitor quer *ibagens*, já diria **Datena**, e o cronista as pinta com palavras.

É evidente que este escriba cumpriu semelhante obrigação, e, se o texto é vazado em termos ambíguos, e às vezes – somente às vezes – perde-se em digressões envolvendo temas aleatórios, como o golpe de 64 e o Comandante Hamilton, é porque crônicas são assim mesmo, e tais abordagens serão certamente amarradas ao final, é confiar.

Mas, feito o nariz de cera, e já entrados em quase quinhentas palavras, toquemos o assunto: que título, senhores. Que título!

Algo peculiar ocorreu nesta noite de quinta-feira. Foi a primeira decisão de pontos corridos envolvendo não apenas rivalidades, mas intrigas, triângulos amorosos e afetos mal resolvidos, Maria do Bairro, por que choras?

Olhe que não é de meu feitio fazer maledicência, mas é certo que TUDO COMEÇOU com **Rogério Ceni**, maior ídolo da história do São Paulo, chamado mito quando o termo ainda não havia se desmoralizado, dizendo por aí que torcida boa, boa mesmo... era a do Flamengo!

A torcida paulista, enjeitando as guampas que menino Ceni insiste em lhe impor, azedou, é claro, a ponto de preferir ver o diabo abraçado com Fernando Diniz do que assistir ao Flamengo campeão no Morumbi, sua própria casa. Daí que era mesmo esperado que o São Paulo, que não jogaria por título, no entanto jogasse por sua honra.

De outro lado, Abel Braga, técnico do Inter, escorraçado do rival Flamengo em 2019, e apontado pela crônica esportiva, com alguma razão, como exemplo de técnico ultrapassado, ainda mais em contraposição ao sucesso de Jorge Jesus, que lhe sucedeu.

Vejam: Abelão é provavelmente a figura mais simpática do futebol brasileiro. Paternal, bonachão, apreciador de uns gorós; um crossover de Muricy e Joel Santana. Tendo passado pelo inominável – a perda de um filho –, há a nítida impressão de que os jogadores o adotaram como pai. Pode perceber: começo de jogo, até a boleirada adversária faz questão de ir até o banco cumprimentá-lo.

Em resumo: você passaria uma tarde tomando cerveja com Abel; agora tente lá tomar uma única taça de vinho com Rogério, depois me conte a encrenca.

Abelão é a simplicidade do “vinte e um”, Rogério Ceni é o formalismo de “dois mil e vinte”, eu falei que ia amarrar essa desgraça.

Bom, acontece que Abelão, em uma improvável reviravolta, descobriu que Rogério Ceni era seu legítimo irmão voltou ao Inter, emplacou uma sequência improvável de nove vitórias e iniciou a rodada podendo tirar o título do Flamengo, o mesmo que o esnobou.

Então eu pergunto: com esses personagens, com esse enredo, com esses *plots twists* (que é a expressão em português para reviravolta), poderia haver melhor desfecho do que aquele verificado na noite de ontem?

Eu duvido, honestamente: a taça está em excelentes mãos.

E, isto sendo dito, peço licença e me recolho; já é madrugada de sexta, e essa análise minuciosa dos jogos, em cada um de seus lances, já começa a me fatigar o espírito; fica de alento a certeza do dever cumprido. Que título, senhores. Que título!

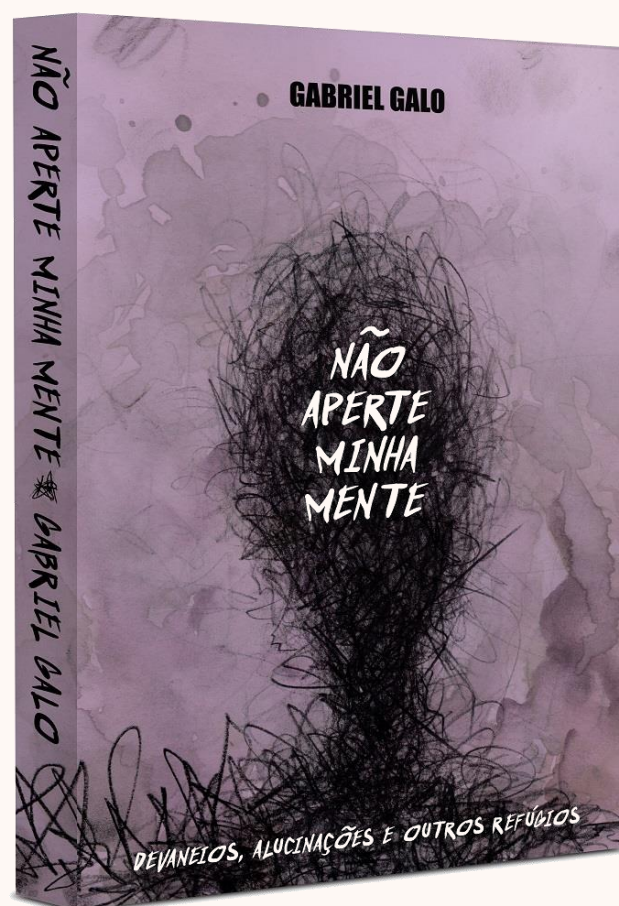


HORA DO
MERCHAN

COMPRE JÁ OS 2 NOVOS
LIVROS DE GABRIEL GALO
COM SUPER DESCONTO.
AGORA. VAI. CORRE.



A inescapável breguice do amor
(2020, 200 páginas)



Não aperte minha mente
(2020, 208 páginas)

Últimas unidades da 1ª edição, com preço promocional, dedicatória exclusiva + .pdf para você ler onde quiser: **R\$ 24,90** cada + frete.

QUERO COMPRAR!

Disponível também para Kindle e no Google Play.